

Cadernos da Comunicação
Série Memória

O JORNAL

Órgão líder

dos Diários Associados



Agradecemos a colaboração da Biblioteca Bastos Tigre, da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que nos cedeu imagens e subsídios para a confecção deste Caderno.

Rio de Janeiro (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social.

O Jornal Órgão líder dos Diários Associados / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.– A Secretaria, 2007.

72 p.: il.– (Cadernos da Comunicação. Série Memória v.18)

ISSN 1676-5508

Inclui bibliografia

1. Jornais – Brasil - História. 2. Jornalismo - Aspectos políticos - Brasil. 3. O Jornal - História. 4. Chateaubriand, Assis – 1892-1968. I. Título.

CDD 079.8153

A coleção dos CADERNOS DA COMUNICAÇÃO pode ser acessada no *site* da Prefeitura/Secretaria Especial de Comunicação Social:

www.rio.rj.gov.br/secs

Junho de 2007

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Rua Afonso Cavalcanti 455 – bloco 1 – sala 1.372

Cidade Nova

Rio de Janeiro – RJ

CEP 20211-110

e-mail: cadernos@pcrj.rj.gov.br

Todos os direitos desta edição reservados à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Prefeitura.



**Prêmio Luiz Beltrão de
Ciências da Comunicação'2006
na categoria Grupo Inovador**



Prefeito
Cesar Maia

Secretária Especial de Comunicação Social
Ágata Messina

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO
Série Memória

Comissão Editorial
Ágata Messina
Helena Duque
Leonel Kaz
Regina Stela Braga

Edição
Regina Stela Braga

Redação e pesquisa
Álvaro Mendes
Patrícia Melo e Souza

Revisão
Alexandre José de Paula Santos

Projeto gráfico e diagramação
Marco Augusto Macedo

Capa
José Carlos Amaral/SEPROP
Marco Augusto Macedo

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO

Edições anteriores

Série Memória

- 1 - Correio da Manhã – Compromisso com a verdade
- 2 - Rio de Janeiro: As Primeiras Reportagens – Relatos do século XVI
- 3 - O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina
- 4 - Mulheres em Revista – O jornalismo feminino no Brasil
- 5 - Brasília, Capital da Controvérsia – A construção, a mudança e a imprensa
- 6 - O Rádio Educativo no Brasil
- 7 - Última Hora – Uma revolução na imprensa brasileira
- 8 - Verão de 1930-31 – Tempo quente nos jornais do Rio
- 9 - Diário Carioca – O máximo de jornal no mínimo de espaço
- 10 - Getulio Vargas e a Imprensa
- 11 - TV Tupi, a Pioneira na América do Sul
- 12 - Novos Rumos, uma Velha Fórmula – A mudança do perfil do rádio no Brasil
- 13 - Imprensa Alternativa – Apogeu, queda e novos caminhos
- 14 - Um jornalismo sob o signo da política
- 15 - Diário de Notícias – A luta por um país soberano
- 16 - 1904: Revolta da Vacina – A maior batalha do Rio
- 17 - Jogos Pan-Americanos – Uma olimpíada continental

Série Estudos

- 1 - Para um Manual de Redação do Jornalismo On-Line
- 2 - Reportagem Policial – Realidade e ficção
- 3 - Fotojornalismo Digital no Brasil – A imagem na imprensa da era pós-fotográfica
- 4 - Jornalismo, Justiça e Verdade
- 5 - Um Olhar Bem-Humorado sobre o Rio nos Anos 20
- 6 - Manual de Radiojornalismo
- 7 - New Journalism – A reportagem como criação literária
- 8 - A Cultura como Notícia no Jornalismo Brasileiro
- 9 - A Imagem da Notícia – O jornalismo no cinema
- 10 - A Indústria dos Quadrinhos
- 11 - Jornalismo Esportivo – Os craques da emoção
- 12 - Manual de Jornalismo Empresarial
- 13 - Ciência para Todos – A academia vai até o público
- 14 - Breve História da Imprensa Sindical no Brasil
- 15 - Jornalismo Ontem e Hoje
- 16 - Uma Questão de Estilo – A cobertura de moda na mídia impressa carioca
- 17 - Folkcomunicação – A mídia dos excluídos

Fundado em 1919 por Renato Toledo Lopes, *O Jornal* foi comprado por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello em 2 de outubro de 1924, tendo sido, até 28 de abril de 1974, o "órgão líder dos Diários Associados". Posteriormente chamados de Diários e Emissoras Associados, eram constituídos por uma enorme rede de mais de cem empresas de comunicação, a principal cadeia de telecomunicações da América Latina na primeira metade do século passado.

Como quase todos os empreendimentos de Assis Chateaubriand cujo apelido, Chatô, passou a ser sinônimo de ousadia e mesmo de atrevimento empresarial, *O Jornal* foi o primeiro e decisivo lance na construção de um "império de palavras". Para comprá-lo pelo preço de 5.700 contos de réis, moeda da época, Assis Chateaubriand dispunha apenas da quantia quase irrisória de 170 contos. O resto ele conseguiu emprestado, de empresários e personalidades importantes do mundo das finanças, que não hesitavam em dar apoio ao então jovem advogado e jornalista.

Seus métodos de abrir caminho no mundo das empresas e das notícias eram, no mínimo, não-convencionais: se fosse preciso, conspirava para derrubar governos e ajudar a criar novos governos. Foi assim que ele se tornou amigo de Getúlio Vargas, a quem ajudou a chegar ao poder para, tempos depois, passar a atacá-lo de modo contundente e apoiá-lo de novo, na volta democrática. No fim, terminou ocupando, na Academia Brasileira de Letras, a cadeira que fora de Vargas. Agiu da mesma maneira no Movimento Militar de 1964: conspirou, apoiou a derrubada de Jango e, depois, se voltou com violência contra a ditadura.

Ironicamente, foi sob o governo dos generais de 1964 (os antigos "Tenentes", a quem tinha, taticamente, apoiado e depois atacado...) que o império de Chateaubriand – além de jornais incluía revistas, rádios e emissoras de televisão – começou a desmoronar.

O Jornal, cujas páginas envelhecidas nos parecem hoje quase provincianas, foi durante sua época um exemplo de modernização gerencial da imprensa carioca, em sua concepção global. Da paginação à contundência opinativa, da publicidade à impressão.

CESAR MAIA
Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

*“Com bom senso fazem-se
mercearias e armarinhos
– não se arrancam da árvore
da vida frutos da grandeza.”*

Assis Chateaubriand
(1892-1968)

Sumário

Nasce um líder	8
O começo de um império	11
As razões do apoio	14
Mudar, para manter o rumo	17
A modernização	19
Confrontos com o poder	24
As campanhas	35
As grandes reportagens	38
O clube das abelhinhas	41
Edições especiais	45
Os (vários) endereços	48
O jagunço de muitas personalidades	50
Depoimentos	52
Américo Cavalheiro	53
Aristóteles Drummond	56
Mário Barata	60
Suely Caldas	62
Paulo Fernando de Figueiredo	65
Bibliografia	70

Nasce um líder

A um olhar superficial, a diagramação da primeira página de *O Jornal*¹ de 2 de outubro de 1924, em sua 1.767ª edição, em nada se distinguia das que vinham sendo feitas desde 17 de junho de 1919, ano de fundação daquele diário. Também não havia diferenças nas outras páginas, e era mantido o preço de cada exemplar, 200 réis. A aparência do jornal, em conjunto, era sóbria: 12 páginas sem manchetes. Mas, a uma observação atenta, notavam-se pequenas mudanças, como nota discreta na primeira página, logo abaixo do *Expediente*, informava:

17/6/1919: Primeira página da edição nº^o1 de *O Jornal*, sob a direção de Toledo Lopes.



Tendo passado a novas mãos a totalidade das acções da Empresa Graphico Editora, proprietária de *O Jornal*, renunciou ontem o lugar de director desta folha o dr. Renato de Toledo Lopes.(...)

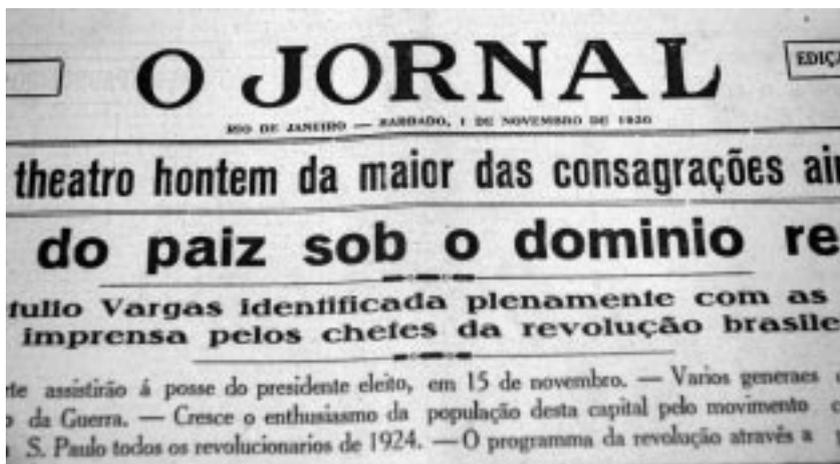
Assumiram interinamente os srs. A. Cruz Santos e A. Chateaubriand, os quaes deverão convocar a assembléa geral destinada a escolher os directores effectivos. A nova direcção escolheu para redactor-chefe o sr. dr. Sabóia de Medeiros.²

Foi com esta modéstia (aparente) que surgiu *O Jornal* em nova fase, o primeiro veículo do que viria a tornar-se uma enorme rede de meios de comunicação de massa³. E que seria sempre considerado, “mais por sentimentalismo do que por importância”,⁴ o “órgão-líder dos Diários Associados”,⁵ de propriedade de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, que passaria à história da imprensa brasileira como Assis Chateaubriand, Chateaubriand ou, mais familiarmente, Chatô.

A concretização do ato da tomada de posse de *O Jornal*, às 9h da manhã de 30 de outubro de 1924, é narrada saborosamente por Austregésilo de Athayde, jornalista que a tudo assistiu, e que permaneceu nos Diários Associados enquanto viveu:

– Caboclo [disse Chateaubriand a Austregésilo de Athayde], não podemos perder tempo, mãos à obra! Vamos tomar posse de *O Jornal*! Acabei de comprar aquele diário e quero você como testemunha na hora de sacramentar o negócio! (...)

Chateaubriand ia lépido à frente e eu logo atrás. Atravessamos as oficinas instaladas no térreo, subimos de dois em dois os degraus da escada estreita do pequeno prédio de quatro andares e entramos na sala do diretor, para, enfim, tomar posse de *O Jornal*. Mas não encontramos ninguém. Meio desconfiado, Chateaubriand sentou-se numa cadeira, e, inquieto, perguntou:



1^o/11/1930: Ao lado da revolução.

– Será que esse moleque roeu a corda?

Alguns minutos depois, Renato Toledo Lopes chegava tranqüilo:

– A casa agora é de vocês.

E depois de breve e amena conversa, retirou-se, dando-me a impressão de estar muito feliz como quem se liberta de um peso.⁶

1 O título *O Jornal* foi escolhido como provocação ao *Jornal do Commercio* que, ao ser comprado nas bancas, era simplesmente chamado “o jornal” (apud Fernando Moraes. *Chatô, o rei do Brasil*, 1994, p.136). *O Jornal* fora fundado cinco anos antes, devido a uma dissidência de jornalistas que tinham abandonado o *Jornal do Commercio* por divergências com Felix Pacheco.

2 Glauco Carneiro. *Brasil, primeiro, história dos Diários Associados*, 1999, p. 53-4.

3 Trinta e seis jornais diários, 18 revistas, uma editora, 25 estações de rádio 18 estações de televisão, agência de notícias e agência de publicidade, além do laboratório de medicamentos (Schering) e fazendas que pertenciam ao grupo. O grupo Diários e Emissoras Associados foi considerado o maior conglomerado de informação da América Latina.

4 Vera Beatriz Stolte Machado. *A imprensa em crise*, 1980, p. 11.

5 A expressão *diários associados* apareceu pela primeira vez no final de 1930, espontaneamente, quando Chateaubriand escreveu: “...preferimos a tribuna dos nossos *diários associados*...” etc. Carneiro, op. cit. p. 118. Até aquela data ele se referia ao conjunto dos seus veículos como *federação* e *consórcio*. Já foi observado que a expansão dos Associados ocorreu paralelamente à expansão dos serviços da Light (ABI/FINEP, p. 143).

6 Apud Cicero & Laura Sandroni. *Athayde, o século de um liberal*, 1998, p. 210-111.

O começo de um império

A compra de *O Jornal* de Renato Toledo Lopes⁷ foi o primeiro grande lance de ousadia de Assis Chateaubriand, 32 anos, com vista à construção do seu futuro império de comunicação. O jornalista-empresário dispunha apenas de 170 contos de réis, cerca de 3 por cento do preço total do título, o que não dava sequer para pagar a entrada: pela compra, era preciso desembolsar 5.700 contos.

Para conseguir o dinheiro que lhe faltava, Chatô foi em busca do apoio de empresários e personalidades importantes no mundo das finanças. Entre eles, Alexandre Mackenzie, presidente da *holding* Brazilian Traction, e que, através da Light & Power,⁸ de que era dono Percival Farquhar,⁹ contratava luz, bondes, energia e gás em diversas capitais brasileiras; o conhecido advogado Alfredo Pujol; Cândido Sottomayor, dono da Casa Sottomayor, a maior empresa atacadista de tecidos no Rio; Júlio de Mesquita, dono de *O Estado de S. Paulo*; Raúl Dunlop e Guilherme Guinle; conde Sílvio Álvares Penteado; Conde Asdrúbal do Nascimento, presidente da Cervejaria Antártica; José Carlos de Macedo Soares, presidente da Associação Comercial de São Paulo; o cafeicultor Vicente de Almeida Prado; e Roberto Simonsen.

Chateaubriand conseguiu apoio financeiro de diversas maneiras: empréstimos sem juros; vendas de ações de uma Sociedade Anônima *O Jornal*, puramente imaginária na época; obtenção de endosso de papéis; doações etc. Segundo a escritora Carolina Nabuco, Virgílio Melo Franco teria sido o negociador da operação de compra. De acordo com Nelson Werneck Sodré,¹⁰ a venda foi feita “com o beneplácito de Artur Bernardes”. Muitos anos depois, um amigo resumiria: a história de Chateaubriand é “a história da dívida”.

Garantido o apoio de boa parte do empresariado nacional e o beneplácito de representantes da economia internacional, restava ao jovem jornalista-empresário a simpatia da Igreja católica. Chatô decidiu, por isso, procurar a aprovação de dom Sebastião Leme,

então bispo-coadjutor da Arquidiocese do Rio de Janeiro, posteriormente cardeal, do qual era amigo. Athayde, que foi com ele até o prelado, assim narra o encontro:¹¹

Dom Sebastião Leme recebeu-nos muito bem, deixou-nos à vontade; diante do prelado, aquele homem desafiador de céus e terras mostrava-se submisso e



15/10/1927: Capa do suplemento especial de *O Jornal*, uma edição comemorativa do Bicentenário do Café, com desenho do artista Elyseo d'Angelo Visconti.

dizia que *O Jornal* estaria sempre ao lado do catolicismo. Concordou em dar mais espaço para os artigos de Alceu Amoroso Lima, garantiu que eliminaria de suas páginas a coluna de assuntos protestantes. Saindo do palácio, Chateaubriand elogiou a esperteza e a inteligência do bispo, acrescentando:

– ‘Seu’ Athayde, duvido muito que ele creia em Deus.¹²

Esta era a maneira como Assis Chateaubriand começava a dar forma ao seu desejo de poder: “O pequeno paraibano não temia nadar fora da barra e não temia dar suas braçadas no oceano dos financistas – ‘muitos dos quais andam, pelas ruas, tristes, olhando para o chão, sem saber o que fazer com o dinheiro’ ”.¹³

7 Comentava-se que Toledo Lopes apenas emprestara o nome aos verdadeiros donos de *O Jornal*: Arrojado Lisboa, Pires do Rio e Pandiá Calógeras, supostamente a serviço da siderurgia estrangeira no Brasil, projeto que teria sido desestimulado pela eleição para a presidência da República do nacionalista Artur Bernardes. Esta versão, porém, não é muito digna de fé (apud Moraes, op. cit., p. 136). Pesquisa da ABI/FINEP, 1980, p. 143, em que colabora, entre outros, José Nilo Tavares informa que *O Jornal* “fora fundado com o objetivo de levar adiante campanha nacional em defesa da criação de uma siderurgia nacional. Afastada a idéia inicial, o órgão assumiu posição de ataque à política de Epitácio Pessoa e tendo apoiado a candidatura de Nilo Peçanha, contra Artur Bernardes, encontra-se em situação financeira precária, com a vitória do candidato situacionista”. Sabe-se também que *O Jornal* lançado em 1919 tinha por objetivo “fazer divulgação pluralista à base da colaboração de especialistas de todas as profissões.” (Carneiro, id., p. 46)

8 Segundo ele mesmo revela em artigo publicado em *O Jornal*, em 10/6/1946, Chateaubriand ficou na empresa até 1925. E por toda a vida será um defensor intransigente da empresa canadense-americana.

9 Farquhar também era o dono da Companhia Telefônica Brasileira, das Estradas de Ferro Madeira – Mamoré, São Paulo – Rio Grande, Itabira Iron e de dezenas de outras empresas em todo o mundo.

10 Nelson Werneck Sodré, *História da imprensa no Brasil*, 1999, p. 361.

11 Apud Cícero & Laura Sandroni, op. cit., p. 213.

12 Dom Sebastião Leme não pediu o fim da coluna protestante, mas apenas a criação de outra sobre o catolicismo, não publicada ao lado da primeira. A resposta de Chateaubriand, porém, foi enfática: “Não sou homem de meias medidas, eu vou ao cabo. A coluna católica vai ser criada, mas vai permanecer sozinha, monopolística em nossa casa. A partir de amanhã estão rifados todos os gemidos calvinistas e allankardequianos no meu diário”. Moraes, id., p. 144.

13 Cícero & Laura Sandroni, op. cit., p. 210.

As razões do apoio

O apoio relativamente fácil dos empresários e da Igreja católica, obtido por Chateaubriand, não era um puro ato de generosidade para com um sonhador. Tinha razão de ser bem material. Ainda na edição de 2 de outubro de 1924, em artigo que alguns estudiosos consideram de estilo “inconfundível”, sob o título “A Reação Conservadora”, Chateaubriand escreve, em nome da nova direção:

(...) situação social e política da nação brasileira exige uma ação mais enérgica e decidida, um “coup de barre” mais vigoroso para a direita, um combate mais renhido contra os males e vícios que atacam o organismo nacional.

O Jornal teria orientação conservadora, prestigiando inclusive a autoridade, sem deixar de assinalar os erros e desvios dos negócios públicos.¹⁴

Chateaubriand, que detestava socialistas (a quem chamava “a corja socialista”) e o socialismo, que julgava “reacionário”, não teve dificuldade para imprimir um rumo bem definido ao novo periódico: ele não só teria posição favorável às “classes conservadoras”, como se dizia na época, mas defendia de modo enfático uma guinada “vigorosa” à direita. Não por acaso, um dos ideólogos citados no editorial era um dos expoentes da direita francesa, o teórico por excelência da Action Française,¹⁵ Charles Maurras.

Nessa linha ultraconservadora, *O Jornal* optou coerentemente por uma posição que o novo fundador jamais abandonou: Chateaubriand foi, desde sempre, partidário decidido do capital estrangeiro, da internacionalização ilimitada da economia brasileira, um “autêntico precursor no país do entendimento da globalização”¹⁶ – ou, como diríamos em linguagem atualizada, do neoliberalismo.

De acordo com uma pesquisa orientada, entre outros, por José Nilo Tavares,

Por toda a vida, [Chateaubriand] será (...) um dos mais ardorosos defensores da companhia canadense-americana [Brazilian Traction] e três campanhas que desencadeia em prol da empresa tornar-se-ão famosas: campanha na década de 30 contrária à construção da usina de Salto, que possibilitaria a transferência do fornecimento de energia elétrica da Light para gerador próprio da Estrada de Ferro Central do Brasil; campanha, na década de 40, no governo Dutra, no sentido do endosso de US\$ 90 milhões, de empréstimo, no exterior, pleiteado pela Brazil Traction; campanha, na década de 50, contra a emancipação da Light.¹⁷

Sua manifesta simpatia pelos estrangeiros levou um dia o presidente Artur Bernardes, nacionalista decidido, a comentar:

Esse Chateaubriand é inacreditável. Todos nós temos um mito brasileiro: o deste é Caxias, o daquele é Floriano, o outro tem Rui Barbosa. Os heróis do mundo de Chateaubriand são Farquhar, Pierson, Mackenzie, Herbert Couzens. Agora anda de namoro com um tal engenheiro Billings. Nunca o vi pronunciar o nome de um brasileiro como objeto de sua admiração.¹⁸

14 Carneiro, 1999, op. cit., p. 54-5.

15 A Action Française, liderada por Charles Maurras, foi um movimento reacionário francês. Charles Maurras, jornalista, político, poeta e escritor, era anti-semita, antiprotestante e antimaçom. Veio a ser condenado e preso por ter colaborado com o regime de Vichy, favorável aos ocupantes alemães da França.

16 Gerson, op. cit., p. 119.

17 ABI/Finep, p. 142.

18 Apud Morais, p.133.

Mudar, para manter o rumo

A linha de *O Jornal* estava definitivamente traçada, até sua extinção, em 1974. As eventuais oscilações de rumo seriam manobras táticas, jamais alterações estratégicas.

Logo de saída, Chateaubriand decidiu “dar uma lição aos bugres da imprensa brasileira”:¹⁹ mudar quase tudo. Para presidir o jornal, escolheu um conterrâneo seu, o ex-presidente da República Epitácio Pessoa; e, para dirigi-lo, o advogado Alfredo Pujol e Rodrigo Melo Franco de Andrade, também encarregado de levantar dinheiro em Minas. O cargo de diretor da redação seria dado ao amigo Azevedo Amaral, já doente e quase cego. Sabóia de Medeiros seria o redator-chefe, mas foi sucedido por Austregésilo de Athayde.

Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), pensador católico então de direita,²⁰ permaneceu como crítico literário. Para colaboradores permanentes foram convidados nomes bem conhecidos da cultura brasileira, como os historiadores Capistrano de Abreu e Pandiá Calógeras, o professor Fidelino de Figueiredo (intelectual português que lecionava Literatura na USP), Humberto de Campos, Paulo de Castro Maya, Carlos de Laet e Ferdinando Laboriau. Na área internacional, passaram a colaborar o romancista inglês e poeta Rudyard Kipling, prêmio Nobel de Literatura; o ex-premier francês Raymond Poincaré, e o também ex-premier britânico Lloyd George.

Chateaubriand queria dar a *O Jornal* um caráter cosmopolita, mas as colaborações sugeriam antes uma confusão ideológica. Podiam-se ler ali textos assinados pelo revolucionário comunista Leon Trotsky, pelo líder fascista Benito Mussolini, pelo general falangista espanhol Primo de Rivera, e uma entrevista com Marinetti, o criador do Futurismo italiano. A maioria dos textos era comprada do New York American Syndicate.

A contratação de tantos nomes importantes levou o presidente da empresa, Epitácio Pessoa, preocupado, a perguntar a

Chateaubriand onde se conseguiria dinheiro para pagar a gente tão famosa. Chateaubriand teria respondido: “O senhor está colocando o carro adiante dos bois. Um princípio básico do capitalismo diz que primeiro a pessoa trabalha, e só depois recebe. Vamos deixá-los trabalhar em paz, depois se vê como pagá-los”.

A preocupação de Epitácio Pessoa logo se mostrou razoável: um dos colaboradores de *O Jornal*, o conde papalino e católico praticante acadêmico Carlos de Laet, suspendeu a colaboração assim que o título foi vendido a Chatô. Interrogado por Austregésilo sobre o motivo de ter parado de escrever os artigos, Laet respondeu: “É porque está correndo na praça que Chateaubriand não paga a ninguém”.

Athayde interveio depressa e conseguiu que o pagamento de Laet ficasse sempre em dia, fato de que o jornalista se vangloriava. Mas as queixas não paravam. Agora era o historiador Capistrano de Abreu, em bilhete a Pandiá Calógeras, quem se queixava de não receber pagamento logo após a publicação do artigo, ao contrário do que acontecia com Laet. O atraso também foi rapidamente corrigido por ordem de Chateaubriand.

Mas as duas queixas bastaram para o jovem e excessivamente ousado empresário compreender o fundamental: que o dinheiro dos exemplares vendidos nas bancas não bastava para cobrir as necessidades de uma empresa moderna de comunicação. Chatô não podia mais ignorar a necessidade que um periódico tinha de bons anunciantes.

19 Cícero & Laura Sandroni, op. cit., p. 211.

20 Posteriormente, Alceu Amoroso Lima mudou de posição política, e tornou-se um dos críticos mais severos da direita radical, representada pela ditadura militar de 1964.

A modernização

Quando *O Jornal* começou a se destacar, nos anos 20 do século passado, em pleno governo nacionalista de Artur Bernardes, o Brasil tinha aproximadamente 31 milhões de habitantes, segundo o censo de 1920, sendo que 1.167 no Rio de Janeiro, Distrito Federal, com uma população economicamente ativa de cerca de 10 milhões, em todo o país, e de 360 mil pessoas no Distrito Federal.

Mas, para Chatô, a imprensa ainda era pobre, mesquinha, atrasada. Ele achava que isso se devia ao fato de ela não ter anunciantes da indústria e do comércio, ao contrário do que acontecia com a imprensa americana. Sendo assim, aquelas duas atividades também não conseguiam as melhores condições para sustentar e melhorar os produtos. Os anúncios eram escassos, e eram poucas e sem importância as agências de publicidade. Os trabalhadores gráficos dos jornais é que dispunham nas páginas os textos e as ilustrações dos reclames.

Era em vão que Chateaubriand instava amigos empresários a anunciarem seus produtos. Terminou por abrir um departamento de publicidade em *O Jornal*, com a ajuda de Fitz Gibbon, turista americano identificado posteriormente como chefe de publicidade de um jornal da cadeia de William Randolph Hearst,²¹ o matutino *New York American*.

No que se refere a inovações relativas ao aspecto editorial, as mais significativas foram a substituição dos longos artigos pelas reportagens, e a separação clara entre informações e comentários, que eram explicitados em editoriais, artigos do proprietário e cartas dos leitores.

Mas as mudanças de *O Jornal* não ficariam por aí. Chateaubriand também partiu para a reorganização da paginação gráfica, do colunismo, das técnicas de ilustração.²² Foi integrado ao corpo do jornal o diagramador argentino Gastón Bernard, introdutor no Brasil de títulos com letras contadas. No dia 24 de dezembro de 1924,

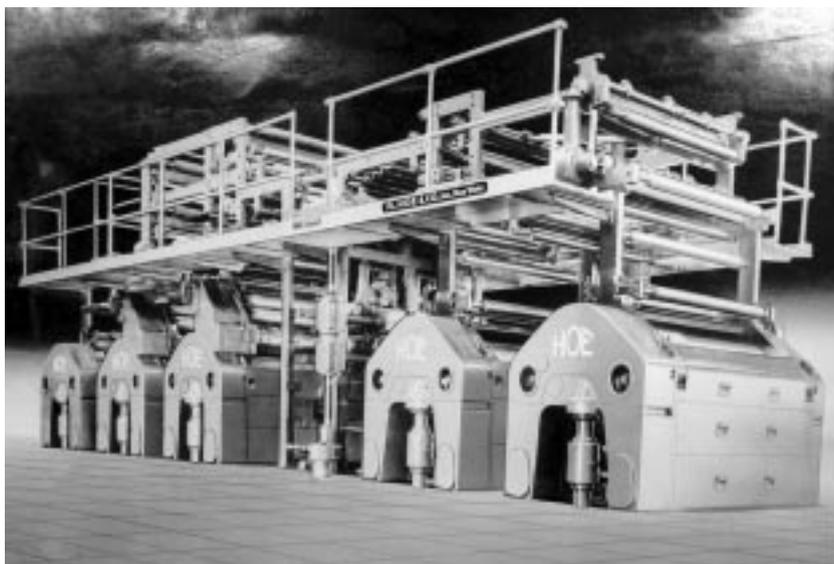
noticiava-se a preparação de um *Jornal da Criança* e a publicação da primeira história de quadrinhos brasileira, *As aventuras de João e do seu cão Ventania*.

Estas mudanças, aliadas a numerosas campanhas (uso do cheque, por exemplo), concursos, pesquisas etc., dariam resultados concretos em aproximadamente um ano. A circulação de *O Jornal* crescia de modo impressionante, e dobravam a propaganda e o faturamento.

Com esse tempo de reforma gráfica, *O Jornal*, um periódico de classe A, tinha passado de 5 mil para 30 mil exemplares de circulação, de terça a sábado, chegando a quase 70 mil aos domingos.²³ Chegou a ter 25 mil assinaturas e vendia de 32 mil a 35 mil exemplares nas bancas. Para imprimir *O Jornal* foi comprada uma rotativa Hoe de alta velocidade, que podia rodar 72 mil exemplares por hora. “Isso não é um prelo, é um despotismo! Um despotismo, meus senhores!”, dizia Chateaubriand referindo-se à rotativa.²⁴ E comentava com Gibbon, que a seu convite terminou ficando no Brasil para dirigir o novo Departamento de Propaganda de *O Jornal*:

O senhor vem para o Brasil para me ajudar a acabar com o jornalismo doutrinário, contemporâneo do século passado. Com sua ajuda, quero estabelecer métodos norte-americanos de vender mercadorias por intermédio da imprensa diária. Vamos impor aos magazines novas formas de fazer seus anúncios. Quem não vier atrás de nós vai morrer de fome, seu Gibbon.²⁵

Aos aumentos na publicidade e nas vendas sucedeu-se a criação de sucursais de *O Jornal* em São Paulo, sob a direção de Plínio Barreto, e em Belo Horizonte, entregue a Milton Campos. Também os subúrbios do Rio – Madureira, por exemplo – ganharam sucursais do diário. Chatô criou uma sucursal paulista e, para dirigi-la, convidou Plínio Barreto, que por dois anos fora responsável, com Júlio de Mesquita e Alfredo Pujol, pela *Revista do Brasil*.



A (então) poderosa rotativa Hoe, que levou Chateaubriand a exclamar: "Isso não é um prelo, é um despotismo! Um despotismo, meus senhores!"

À medida que o tempo ia passando, crescia o quadro de colaboradores, aqui registrados sem preocupação de cronologia: Lord Birknenhead, Sérgio Buarque de Holanda, Raul Fernandes, Bernard Dernburg, Afrânio Peixoto, Virgílio de Melo Franco, José Maria Withaker, João Pessoa, Herbert Moses, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Neto Reis, Mário Barata (eventualmente), Quirino Campofiorito, Juò Bananere (o autor de *A divina incrensa*, poemas satíricos em dialeto ítalo-paulistano), Otto Lara Resende, Moacir Werneck de Castro, José Guilherme Mendes, Hélio Pellegrino, Otto Maria Carpeaux, Agripino Grieco.

Em breve, podiam ser lidas em *O Jornal* entrevistas com Augusto Frederico Schmidt e com Miguel de Unamuno, assinadas por Di Cavalcanti, e artigos de Plínio Salgado.²⁶ Passaram a assinar Rubem Braga, cronista e repórter, Joel Silveira, que foi o correspondente de *O Jornal* na II Guerra Mundial, Carlos Lacerda (dirigiu a agência de notícias Meridional, também dos Diários

Associados), Guilherme de Figueiredo, Rafael Correia de Oliveira, Carlos Castelo Branco, chefe da seção de política de *O Jornal*, e Samuel Wainer.

Foi criado um excelente suplemento literário e cultural de que foram editores Vinicius de Moraes, Otto Lara Resende, Moacir Werneck de Castro, José Guilherme Mendes, Hélio

Pelegrino, Otto Maria Carpeaux. *O Jornal* acolhia em suas páginas artigos de exilados europeus foragidos da guerra, além do já citado Carpeaux, como o grande romancista e jornalista católico francês Georges Bernanos, o autor de *O diário de um pároco de aldeia*.

Até os organizadores e promotores da Semana de Arte Moderna em São Paulo, em 1922 – sarcasticamente repelidos, logo no começo, por Chateaubriand –, passaram a ter voz no seu jornal, como Oswald de Andrade, um dos mais aguerridos. E foi Monteiro Lobato quem vendeu a Chateaubriand, em 1925, a já citada *Revista do Brasil*,



19/11/1930: Logo no começo, o apoio decidido de Chateaubriand a Getúlio Vargas, que na chegada ao Rio, vindo de São Paulo, é recebido em triunfo.

o órgão cultural que mais bem representava as diversas tendências literárias do momento.

Era chegando o momento de *O Jornal* intensificar uma de suas inovadoras táticas de *marketing*, campanhas memoráveis, que davam origem às reportagens, pesquisas e concursos, com a participação de leitores.²⁷ Tudo isso daria enorme audiência “a esses pioneiros movimentos de opinião”, nos anos de 1920 a 1950, arrecadando

(...) recursos vultosos para dotar museus de arte, adquirir milhares de aviões e instalar centenas de postos de saúde. A motivação de cada campanha era de interesse público e a orquestração sucessiva dada ao lançamento fazia repercutir o assunto, gerando interesse entre leitores e, também, maior venda do jornal.²⁸



Recepção a Joel Silveira, no Aeroporto Santos Dumont, em 1^o de junho de 1945, quando o repórter da Agência Meridional retornava da cobertura da II Guerra Mundial. Da esquerda para a direita: Osório Borba, Dirceu Nascimento, Waldemiro de Andrade, João José Póvoa, Joel Silveira (fardado, ao centro), Bercelino Maia, José Borba Tourinho e Américo Cavalheiro.

21 Magnata americano, fundador e proprietário da cadeia de publicações Hearst, serviu de modelo para o personagem central de *Citizen Kane* (*Cidadão Kane*, filme de Orson Welles).

22 Barreto Leite Filho, apud ABI/Finep, p. 143.

23 Vera Beatriz Stolte Machado, op. cit., p. 11.

24 Morais, op. cit., p. 155.

25 V. Morais, op. cit., p.135 seg.; e Carneiro, op. cit., p. 90-94.

26 Morais, p. 171.

27 Morais, op. cit., p.144; Carneiro, op. cit., p. 93 seg.

28 Carneiro, id., ibid.

Confrontos com o poder

Foi visando o presidente nacionalista Artur Bernardes²⁹ que Chateaubriand, através de *O Jornal*, deu apoio a todos os movimentos que iam contra o governo central, como à Coluna Prestes. Mandou correspondentes especiais – os jornalistas Rafael Corrêa de Oliveira, Azevedo Amaral e Luiz Amaral – para entrevistar os comandantes da Coluna. Contratou um observador militar que se conservava anônimo, o general Nestor Sezofredo dos Santos, para analisar as operações dos revoltosos. Abriu-se uma subscrição para se obterem recursos destinados aos rebeldes. A consequência foi que o governo central reagiu: primeiro, atrasando a liberação das matérias pela censura; em seguida, estimulando uma dura campanha contra Chateaubriand, pelo jornal *O Mundo*, de Geraldo Rocha.

De acordo com Fernando Morais, a insistência de Chateaubriand em defender Prestes e em cobrar anistia para os revoltosos, desde 1922, levou Epiácio Pessoa a demitir-se da presidência de *O Jornal*, já que se sentia desconfortável com o fato de estar presidindo um diário que cobrava o perdão dos militares, sublevados contra três administrações, inclusive a dele.

Um novo e fundamental capítulo na história de *O Jornal* foi a chamada “Era Vargas”, devido à relação conturbada de Chateaubriand com o poder getulista. No dizer do próprio Chateaubriand, a “vida sentimental” dele com Getúlio “se não foi, à Machado de Assis, ‘um dramalhão cozido a facadas’, resultou sempre numa comédia trabalhada a canivetadas”.³⁰

Na verdade, não era a “vida sentimental” dos dois brasileiros ilustres o que estava em jogo, mas o confronto de forças sociais que ambos representavam, e que ora os aproximava, ora os repelia. José Nilo Tavares³¹ situa com clareza a posição econômica e política de Chateaubriand, mantida sempre com grande coerência através de *O Jornal* e, posteriormente, dos outros Diários Associados:



Artigo de Chateaubriand sobre Getulio Vargas.

(...) o empresário Chateaubriand saberá sempre utilizar o seu talento e o seu poder, no sentido de impulsionar seus empreendimentos em vários campos de atividades. Antivarguista, jamais romperia definitivamente com Vargas; pessedista, manteria sempre relações cordiais com os udenistas; oposicionista, manter-se-ia sempre nos limites do respeito ao Governo Federal.

Glauco Carneiro complementa:

Nos tempos que precederam à Revolução Liberal, Assis Chateaubriand fizera crescer sua influência nos centros de poder da Primeira República e ajudaria depois a derrubá-la, integrando a conspiração que acabou elevando Vargas ao poder, para um longo consulado de 15 anos. Ainda candidato, Getulio valeu-se largamente dos jornais Associados para divulgar sua plataforma, antes de recorrer às armas, e Assis Chateaubriand, por sua vez, utilizou-se do apoio político e financeiro do líder gaúcho e da Aliança Li-

beral para fundar e incorporar novos veículos à rede iniciada com *O Jornal* do Rio de Janeiro.³²

Como a defesa da Coluna Prestes era muito mais decorrência de sua hostilidade circunstancial ao governo do que fruto de convicções ideológicas ou interesses econômicos imediatos, Chateaubriand, através de *O Jornal* (e dos outros órgãos Associados), não teve dificuldade para dar apoio aos Tenentes, aceitando-lhes as propostas de anistia, depois “regeneração” e “modernização” da República. Mas, a evolução dos acontecimentos levaria Chatô a mudar de atitude:

O jornalista, favorável à internacionalização da economia brasileira, autêntico precursor no país do entendimento da globalização, não podia adivinhar que esses mesmos “tenentes” seriam seus maiores inimigos depois de 1930, chegando ainda a hostilizá-lo nos anos 60, já promovidos a generais, assumindo, em ambas as épocas, idéias exageradamente nacionalistas que os colocavam próximos às posições do arquiinimigo de antes, Artur Bernardes.³³

De fato, não se passaria muito tempo para que Chateaubriand atribuísse o que ele considerava “os crescentes erros do novo regime” de Vargas à influência cada vez mais profunda dos Tenentes, principalmente os que se tinham tornado comunistas, como Luís Carlos Prestes, mas não só eles – é preciso não esquecer o papel que virá a ter o capitão João Alberto, na tentativa de controle de *O Jornal*.

Foi em 1928, quando proprietário apenas de *O Jornal* e do *Diário de São Paulo*, que Chateaubriand aderiu à candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República, contra Júlio Prestes (PRP), lançando as bases da que viria a ser a Aliança Liberal (AL), de cujo manifesto foi um dos redatores, ao lado de Lindolfo Collor.³⁴ Getúlio, a quem o apoio de Chateaubriand interessava, no tempo em que era ministro da Fazenda, visitava com frequência a redação do

O *Jornal* e passava a Chateaubriand informações que logo se transformavam em manchetes.

E não foi senão para que o programa da AL fosse conhecido em todo o território nacional que os aliancistas ajudaram Chatô a fundar outros periódicos: *Diário de São Paulo* (lançado em 5/10/1929), que passou a publicar a *Revista de Antropofagia*, prestigiando assim os modernistas, de quem no começo se distanciara; o *Estado de Minas* (fundado em 7 de março de 1928 por Mendes Pimentel, Pedro Aleixo e Juscelino Barbosa, e que atravessava dificuldades), que, a 12 de maio de 1929 lançou a primeira edição como integrante dos Associados; o *Diário de Notícias*, Rio Grande do Sul, que, fundado em 1º de março de 1925 por Leonardo Truda, passou a ser publicado como pertencente a Chateaubriand no primeiro semestre de 1929; e o *Diário da Noite*, RJ, lançado de 5/10/1929.

Com a derrota do candidato aliancista nas eleições de março de 1930, nos últimos meses da campanha da Aliança Liberal, Chateaubriand participou ativamente da conspiração e do movimento armado, em Minas Gerais, Distrito Federal e Santa Catarina.

Com a vitória da Revolução de 30, a Rede Associada se firmou,

3/9/1958: O *Jornal* noticia com destaque o fracasso de greve.



embora às vezes se voltasse contra Vargas, a partir de 1944 (nas vésperas das eleições de 1950 e em 1954).³⁵ Mas, passado um tempo de bom entendimento entre Chateaubriand e a ditadura getulista, não foi necessário esperar muito até que começassem a surgir fraturas no relacionamento. O que mais chocava Getúlio era a posição de Assis Chateaubriand, através de seus jornais, favorável à internacionalização da economia brasileira. O apoio de Getúlio à corrente militar jovem em detrimento da política da AL também desconcertou Chateaubriand.

Chateaubriand e seus periódicos, entre eles *O Jornal*, o órgão-líder, alinhava-se com as forças conservadoras que, nesses momentos, se opunham ao nacionalismo e ao populismo de Vargas. À medida que Chateaubriand constatava um tom de permanência, nos atos de Getúlio, de caráter revolucionário, os Diários Associados insistiam em que a tarefa do “ditador” seria convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, para o país voltar à normalidade democrática. Esta posição coincidia com os pronunciamentos dos líderes paulistas da chamada Revolução Constitucionalista de São Paulo (1932), tendo posto toda a sua rede, com *O Jornal* à frente, no ataque violento ao governo, embora alertando os paulistas contra as idéias de separatismo.³⁶

Ainda em 1932, novos elementos se acrescentaram aos ataques ao Tenentismo, cada vez com mais força junto de Vargas, quando o governo pretendeu decretar a moratória da empresa Itabira Iron, de Percival Farquhar. Posição oposta à de Chateaubriand, “que queria o saneamento interno do país e não a suspensão do pagamento da dívida dos credores internacionais”.³⁷

Um dos sintomas mais evidentes de que Getúlio e Chateaubriand estavam à beira da ruptura foi o artigo “O Monstro”, assinado, publicado em *O Jornal*, em 18 de novembro de 1930, na qual, sob uma aparência elogiosa, Getúlio, apresentado pelo jornalista com as cores de um Maquiavel brilhante, era alvo de crítica feroz. Entre outras passagens, escrevia Chateaubriand nesse panfleto, considerado uma obra-prima de jornalismo político:

Florianos teria que aprender consigo o ABC da astúcia. Bismarck seria seu discípulo a fim de desgastar os excessos de violência e de personalidade, que tantas vezes lhe comprometera o jogo político. É um misto de Lusbel e arcanjo. Apaga uma labareda e acende outra. (...) Na sua escola de manha política e de esper-teza, aqueles que acreditamos os grandes mestres jubilados entrariam para freqüentá-la nos bancos do jardim da infância.

(...) Maquiavel é pinto para o sr. Getulio Vargas.³⁸

Alinhando-se com os constitucionalistas de São Paulo, em 1932, divergindo de Getulio, Chateaubriand foi alvo dos efeitos da repressão, conseqüentes à derrota. Através do capitão João Alberto Lins de Barros, na chefia de polícia do Distrito Federal (ele era o oficial que Chateaubriand considerava “o mais árdego [i.e.: arrebatado] dos tenentes”), o governo tomou posse de *O Jornal*, prendeu e exilou os diretores, e mostrava a intenção de destruir os Diários Associados. *O Jornal*, assim como a revista *O Cruzeiro*, funcionava então na Rua 13 de Maio, no Rio, e o prédio, com todo o equipamento, foi desapropriado.

Dia 10 de dezembro de 1933 foi decretada a falência da empresa que editava *O Jornal*.³⁹ Quem salvou Chateaubriand foi Virgílio de Melo Franco, que em 1924 já tinha intermediado na compra de *O Jornal*, e que tinha prestígio junto do governo provisório.

Diz a pesquisa ABI/Finep de que participou José Nilo Tavares:

Vargas aceitou a conciliação e ordenou a Chateaubriand que passasse o controle político de suas empresas para Virgílio de Melo Franco, com instruções de imprimir ao acerto uma orientação “conservadora e protecionista.”⁴⁰

Mas, depois de ter passado pela experiência com *O Jornal*, quando percebeu que o confronto indiferenciado com Getúlio poderia afundar sua rede de empresas, Chateaubriand procurou chegar a entendimentos com o governo, buscando pontos comuns. “Era necessário atravessar o túnel na esperança de que o futuro abrisse perspectivas para a restauração do regime democrático”, disse Chateaubriand, mais tarde. Um desses pontos comuns foi a campanha desencadeada por Getúlio contra a esquerda. Sendo ele mesmo, Chateaubriand, anticomunista ferrenho desde, pelo menos, a Revolução Soviética de 1917,⁴¹ só poderia ser de seu agrado a campanha contra a Aliança Libertadora Nacional (ALN), chefiada por Prestes.

Em 9 de dezembro de 1939, já durante o Estado Novo, em nome de *O Jornal*, Chateaubriand assinou um documento histórico contra a censura (entre outros empresários da imprensa, assinaram também Elmano Cardim, pelo *Jornal do Commercio*; Austregésilo de Athayde, pelo *Diário da Noite*; Paulo Bittencourt, pelo *Correio da Manhã*; Roberto Marinho, por *O Globo*; Orlando Ribeiro Dantas, pelo *Diário de Notícias*). Como resposta, em 27 de dezembro, Vargas criava o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que, diz Glauco Carneiro, “pelo menos sofisticaria o processo de censura”.⁴²

O Jornal, com os outros Diários Associados, ajudaram a fazer ressurgir Getúlio Vargas (com uma reportagem famosa de Samuel Wainer que foi decisiva nesse sentido) e depois apoiaram, de modo discreto, sua campanha à presidência, como presidente eleito democraticamente. Mas uma vez eleito o presidente, Chatô logo passou à oposição, devido à questão do petróleo. E, através de *O Jornal*, bem como dos outros Associados, combateu duramente o monopólio estatal, e também a criação da Petrobras, atacando o *slogan* “o petróleo é nosso” como de orientação comunista. Seus artigos publicados em *O Jornal*, de 1948 a 1951, fizeram de Chateaubriand o maior adversário da solução do problema do petróleo por meio de um monopólio estatal.



24/5/1946: Há 61 anos, o Irã já era notícia na primeira página de *O Jornal*, em oito colunas.

Afastando-se cada vez mais do governo Vargas, Chateaubriand terminou dando apoio às teses udenistas, favoráveis à renúncia de Getúlio. Mas o suicídio inesperado do presidente atingiu os Associados. No Rio, os carros de reportagem e distribuição de *O Jornal* e do *Diário da Noite* eram incendiados e apedrejados pelo povo. Em outubro de 1955, a cadeia de jornais de Chateaubriand apoiou a candidatura de Juscelino Kubitschek à presidência da República, pela coligação PSD-PTB, e depois ajudou a garantir a vitória do eleito, contra a UDN e grupos militares rebeldes.

Em fevereiro de 1960, Assis Chateaubriand foi acometido por uma dupla trombose cerebral. Ficou quadriplégico, sem movimento nas pernas e nos braços, mas permaneceu completamente lúcido. Sua influência, no entanto, começou a diminuir.

Nas eleições de 1960, os Diários Associados (*O Jornal*, portanto) deram apoio à candidatura do general Lott, lançado pelo PTB, contra Jânio Quadros, da UDN, que foi eleito mas logo depois renunciou. Os ministros militares tentaram vetar a posse do vice-presidente João Goulart (Jango), e os Associados sustentaram a sua posse, contra o qual depois se voltaram, pela tendência esquerdista de seu governo. O cunhado de Goulart, Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, atacava os adversários do presidente, considerando-os “inimigos dos interesses nacionais”. Os Associados terminaram apoiando o movimento militar de 1964, que depôs o presidente da República.

Na verdade, Chateaubriand vinha sendo uma peça importante na conspiração contra Goulart, desde 1963. Os Diários Associados lançaram então uma campanha famosa, a “Campanha do Ouro para o Bem do Brasil” que, segundo Fernando Moraes, levantou para o governo o equivalente a 3,8 bilhões de cruzeiros. Ao lado das urnas para a coleta de ouro, havia cartazes onde se lia: “Lutar pela consolidação da Revolução Democrática; combater intransigentemente o comunismo; respeitar as leis e as autoridades constituídas; preservar a honra e a moral da família, da pátria e as tradições religiosas do Brasil”. Contudo, por ironia, foi com os militares que os Diários Associados mais sofreram.

O apoio incondicional ao governo militar foi suspenso quando Chateaubriand concluiu, por conta própria, que algumas facções, com o marechal Castelo Branco à frente, se afastavam dos pontos de vista pelos quais ele tinha lutado. Logo no começo do regime militar, Chateaubriand, nos seus jornais, chamava a Castelo Branco “um novo De Gaulle sentado no Palácio do Planalto”. Mas esse bom relacionamento com o novo poder não durou, diz Fernando Moraes, nem quatro meses.

Ele passou a acusar o novo governo de “implantar no país uma política estatizante”, levada a termo por ninguém menos que um intransigente defensor da economia de mercado, o economista Roberto Campos. E concluía:

Ninguém contesta que o sr. Campos faça concessões ao estatismo, mas nós as achamos perigosas. Desgraçadamente, uma respeitável ala das Forças Armadas ainda participa do horrendo jacobinismo mexicano-peronista que anda por aí.⁴³

Em 1967, Chateaubriand apoiou ostensivamente a escolha do general Costa e Silva para a presidência da República. Quinze dias antes de passar a faixa presidencial a Costa e Silva, Castelo Branco assinava um decreto-lei reduzindo a cinco o número de televisões que podiam pertencer a um grupo privado (Chatô fora dono de muito mais do que isso). Era o primeiro grande golpe mortal contra os Diários e Emissoras Associados.⁴⁴

Em 28 de abril de 1974, seis anos após a morte de Chateaubriand (4/4/1968), *O Jornal* fechou definitivamente, na sua 16.123ª edição, com manchete sobre o desdobramento da Revolução dos Cravos, em Portugal, e noticiando seu próprio encerramento. Alberico de Souza Cruz foi o último secretário de redação.

Para Martinho Nunes de Alencar, um dos condôminos, o fim de *O Jornal* deveu-se, essencialmente, a que o diário “ressentia-se do envelhecimento dos dirigentes, dos empregados e até das máquinas”. José Pires Sabóia,⁴⁵ outro condômino, assim comentou o fim do órgão-líder:

Desde os últimos anos da década de 60 era minha opinião que deveríamos fechar *O Jornal*, (...). *O Jornal* acabou fechando em 1974 depois de haver consumido quase todo o seu patrimônio, inclusive um edifício de muitos andares, na Avenida Treze de Maio, no centro do Rio de Janeiro.

A empresa achou impossível manter dois jornais no Rio de Janeiro, e preferiu ficar com o *Jornal do Commercio*, fundado em 1827 e considerado de maior patrimônio.⁴⁶

29 Para Barreto Leite Filho, a acusação de violência e arbitrariedade feita pela grande imprensa ao presidente Artur Bernardes “não passou de uma campanha contra um homem nacionalista, que defendia o minério de ferro brasileiro. Esta posição já tinha sido tomada quando ele era ainda governador de Minas Gerais”. (ABI/Finep, p. 243)

30 Apud Morais, op. cit., p. 559; Carneiro, op. cit., p. 118.

31 ABI/Finep, p. 146.

32 Carneiro, op. cit., p. 119.

33 Carneiro, op. cit., p. 119.

34 Id., *ibid.*, p. 132.

35 “Chateaubriand e seu grupo parecem alinhar-se com as forças conservadoras que se opõem ao nacionalismo e ao populismo, assumidos por Vargas, nessas conjunturas.” ABI/Finep, p. 146).

36 Carneiro, *id.*, p. 166.

37 Carneiro, op. cit., p. 160.

38 Carneiro, *id.*, p. 145,149.

39 Carneiro, *id.*, p. 165.

40 ABI/Finep, p. 144.

41 Chatô chega a defender leis de exceção para afastar do Exército oficiais comunistas. Em caso extremo, propõe o fuzilamento: “A disciplina do Exército se agüenta fuzilando”. Apud José Nilo Tavares et al., p. 166.

42 Id., *ibid.*, p. 208.

43 Morais, *id.*, p. 654.

44 Id., *ibid.*, p. 674. A pesquisa de que participa José Nilo Tavares acrescenta um novo dado (a viagem de Chateau à URSS) para agravar a crise dos Associados, que levou ao fim de *O Jornal*: “A crise dos Associados, que os arremessam ladeira abaixo no campo dos meios de comunicação, atingindo todos os seus setores (da televisão às rádios e jornais), com raras exceções, parece ter o seu ponto expressivo com o rompimento, inesperado, do velho cacique Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, paralítico, cardíaco, envelhecido, com o marechal Humberto de Alencar Castello Branco, em 1965. Ruptura que se dá concomitantemente com a anuência de Chateaubriand em chefiar missão cultural brasileira à União Soviética. É, sem dúvida, o paroxismo das contradições”.(ABI/Finep, p.139) JNT considera os artigos de Chateaubriand contra os socialistas ao lado do que mais radical já se escreveu sobre o tema, no Brasil.

45 Em 1959, “Chateaubriand assinou uma escritura pública doando a 22 empregados 49% do controle acionário do maior império de comunicação da América Latina, os Diários e Emissoras Associados”. Morais, *id.*, p. 16. Esses 22 empregados passaram a ser os condôminos.

46 Vera Beatriz S. Machado. *A imprensa em crise*. Tese de formatura apresentada à Universidade Vale dos Sinos-Unisinis, São Leopoldo, RS, jul. 1998.

As campanhas

Para Glauco Carneiro, assim como para Carlos Rizzini, grande colaborador de Chateaubriand e diretor-geral dos Diários Associados (1946-1965), as campanhas geravam as melhores notícias:

Reiteradamente recorreu Chateaubriand ao processo de participação nos fatos, criando-os se necessário. As suas campanhas, nascidas da fulgurante imaginação e levadas a cabo com indômita energia, produziram, exclusivas, as melhores notícias do seu complexo jornalístico.⁴⁷

A receita não fora inventada por Chateaubriand, mas pelo magnata americano William Randolph Hearst, para quem a ação de desencadear fatos era uma das maneiras de criar notícias. A primeira dessas campanhas – algumas delas com interesse visível para as classes produtoras que lhes davam apoio, e que tanta repercussão obtiveram –, foi lançada em 10 de outubro de 1924. A finalidade desta campanha era convencer a população a se acostumar ao uso freqüente do cheque. Com efeito, o cheque foi um dos meios a que Assis Chateaubriand precisou recorrer muitas vezes, nos momentos de crise financeira.

Só em 1924, além do cheque, *O Jornal* promoveu as campanhas seguintes: para a preservação dos monumentos históricos brasileiros; para fomentar a exploração do algodão para o Prata e o Pacífico; a favor da criação do Instituto de Defesa do Café e da Metalurgia de Ferro no Brasil; contra as emissões desenfreadas e a inflação; contra o entesouramento e a favor de maior crédito ao comércio e à indústria.

Algumas delas ficaram inesquecíveis: por exemplo, a campanha para eleição da mais bela patricia – primeiro concurso de beleza promovido pelos Associados (1925), a campanha nacional da aviação (1925) e a da coleta do ouro em benefício do Brasil, realizada duas vezes: em 1930 e em 1964.



Logo abaixo do título, uma frase de efeito principalmente emocional e publicitário: *O Jornal* [do Rio de Janeiro] era o líder dos Diários Associados.

Até 1968, ano em que morreu, Assis Chateaubriand lançou 187 campanhas de interesse coletivo em *O Jornal* e em outros órgãos da Rede Associada. Essas campanhas, além de constituírem eficiente mecanismo publicitário para a própria rede, tiveram, por vezes, um caráter de arrecadação de fundos e recursos extraordinários para o patrimônio da empresa.⁴⁸

Uma das que mais mobilizaram Chateaubriand foi a Campanha Nacional da Aviação,⁴⁹ que, a rigor, nasceu nas páginas de *O Jornal*, dia 1º de maio de 1925, com a estréia de uma Coluna de Aeronáutica, assinada por Neto dos Reis.⁵⁰ Cinco dias depois, a seção acentuava a campanha em favor da aviação brasileira e pedia que São Paulo entendesse qual o peso da aviação, na paz como na guerra. O apogeu da campanha, porém, veio a ocorrer nos anos 40 e se prolongou por mais de dez anos, com o apoio da Cadeia Associada à frente. O jornalista Américo Cavalheiro, que passou boa parte de sua vida como funcionário dos Associados, comenta:

Esta campanha, que foi prolongada, teve a doação de aviões de treinamento primário e avançado, e alavancou a formação de pilotos para a aviação comercial.⁵¹

Entre os doadores, contam-se o banqueiro Samuel Ribeiro, que deu 15 aviões para diversas unidades federativas, e a família de Othon Lynch Bezerra de Melo, que financiou a compra de um Piper de três lugares para o Aeroclub de Caxias do Sul. A Campanha formou uma frota de treinamento básico e enorme contingente de pilotos. Em 1951, depois que Getúlio Vargas voltou ao poder, por via democrática, o presidente batizou 80 aviões, e recebeu dos Diários Associados mais 500 mil dólares para a compra de outros 41 aparelhos.

Em sua condição de empreendedor hiperdinâmico, Chateaubriand necessitava regularmente do avião. Gilberto Amado comenta: “Sem o avião teríamos tido o Chatô, mas um Chatô sujeito a horários rotineiros incompatível com o duende que o avião nos prodigalizava”.⁵²

47 Carlos Rizzini, apud Carneiro, p. 112-13; e Carneiro, op. cit., p. 12.

48 Vera Beatriz Stolter Machado, p.150.

49 Segundo Américo Cavalheiro, “A criação do Ministério da Aeronáutica [também] foi defendida nas páginas de *O Jornal*, pelo oficial Aurélio Lira, em 1934. Ele era cronista militar. A confirmação aparece em artigo assinado por Chatô e publicado em 27/1/54”. Entrevista aos **Cadernos da Comunicação**, jan. 2007.

50 Ele dividia a seção com Herbert Moses.

51 Entrevista aos **Cadernos da Comunicação**, dez. 2006.

52 Gilberto Amado, apud Carneiro, p. 271.

As grandes reportagens

Como já se disse, as reportagens foram a outra grande vertente explorada pelo *O Jornal* – reportagens, diga-se, nem sempre baseadas apenas nos fatos. Uma delas, semifantasiada mas que, talvez por isso, ficou na memória dos leitores, constou de uma série assinada pelo redator-chefe Azevedo Amaral, com o título “Haverá uma Atlântida no Sertão Brasileiro?”, no final de 1924, sobre um aventureiro inglês, o coronel e etnólogo Percy Fawcett.

Fawcett inspirou a Afonso Bandeira de Melo, primo de Chateaubriand, seis páginas de anotações sobre uma conversa com o aventureiro, na qual este teria revelado “projetos insensatos da existência de uma população branca,ilhada dentro do jângal matogrossense, a que ele, o filho e o australiano que o acompanhavam viriam libertar”. A suposta sociedade teria 10 mil anos de existência e estaria situada sobre um imenso veio de ouro.

Fawcett penetrou no jângal de tal maneira que nunca mais voltou. As reportagens foram publicadas no *O Jornal*, contra os conselhos do general e indianista Cândido Rondon, para quem o aventureiro inglês era a “combinação de embusteiro e louco, um megalomaniaco alucinado que está atrás do ouro ou apenas de se promover na Europa”.⁵³

O caso Fawcett acompanhou Chateaubriand por muitos anos. Um dia, *O Jornal* noticiou que ele fora morto por um velho cacique, chamado Izari. Essas reportagens tiveram sucesso enorme, nacional e internacional, e foram lançadas até em disco distribuído mundialmente (pelo menos, assim foi noticiado). Por fim, tendo sido publicada uma foto do suposto crânio de Fawcett, que faria parte dos restos mortais, um dentista deu o veredicto: nada a ver com Fawcett. Era o fim do mistério. Não se falou mais disso.

Outra reportagem de *O Jornal* foi a dedicada à Coluna Prestes, em 24 de maio de 1925.⁵⁴ Chateaubriand destacou enviados especiais para entrevistarem os comandantes da Coluna, que atravessavam o interior do país. Chegou a contratar o já citado general Nestor

Sezefredo dos Passos para ser o observador militar da Coluna. O general analisava anonimamente a marcha dos revoltosos, imbatíveis pelos legalistas. *O Jornal*, numa provocação ao governo de Artur Bernardes, que combatia, lançou uma subscrição pública, a fim de levantar recursos destinados aos rebelados, entregues diretamente a Luís Carlos Prestes e Miguel Costa por Oswaldo Chateaubriand.



Em manchete, a notícia da vitória do movimento militar de 1964.

O *Jornal* foi também o veículo (ele e outros órgãos dos Associados) de uma reportagem excepcional, que estava destinada a alterar os rumos da política brasileira: uma entrevista de Samuel Wainer com Getúlio Vargas, então retirado no Rio Grande do Sul. Até hoje, não se sabe com certeza se a reportagem foi encomendada por Chateaubriand ou feita espontaneamente por Wainer, pois há afirmações nos dois sentidos.

Em suas memórias,⁵⁵ Samuel Wainer sustenta que fez a entrevista por decisão sua, mas Chateaubriand o desmente, afirmando que tudo o que o repórter fez partiu de ordens de Carlos Rizzini ou de Oswaldo Chateaubriand (irmão de Assis Chateaubriand), no que é apoiado por Carlos Castelo Branco, Austregésilo de Athayde e Freddy Chateaubriand. Seja como for, a reportagem foi feita na terça-feira de carnaval de 1949 e publicada “no dia seguinte, em letras garrafais, na primeira página de *O Jornal* e dos demais órgãos dos Diários Associados: ‘Sim, eu voltarei. Não como líder político, mas como líder de massas’”, dizia Getúlio.

A entrevista foi considerada o mais significativo fato político de então, teve repercussão na imprensa estrangeira (*The New York Times*, revista *Time*) e promoveu vigorosamente a campanha de Getúlio para a presidência da República, em 1950.⁵⁶

53 Apud Morais, op. cit., p. 143.

54 De acordo com Barreto Leite Filho, “Um fato como a Coluna Prestes não era noticiado pela grande imprensa. Entre outras razões, porque a Coluna andava pelo interior, sem pousada certa, e sem a presença de qualquer repórter”. E foi Chatô quem mandou contatar a Coluna Prestes, até “por medo de que o *Estado de S. Paulo* ou o *Correio da Manhã* tomassem a iniciativa. Durante três anos, ninguém tinha pensado nisso”. Apud ABI/Finep, p. 104.

55 Samuel Wainer, *Minha razão de viver – Memórias de um repórter*, 1987.

56 Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secs, **Cadernos da Comunicação**, nº 7, série Memória, p. 22; Morais, op. cit., p. 494-5; Carneiro, op. cit, p. 306-7.

O clube das abelhinhas⁵⁷

O *Jornal Feminino*, suplemento semanal de *O Jornal*, apareceu pela primeira vez no dia 9 de outubro de 1949, sob a direção da jornalista Elza Marzullo. A capa, mostrando um penteado com o curioso nome de “Ninho de Pássaros,” prenunciava um mundo fantasioso que se contrapunha ao cotidiano previsível das leitoras. Moda e vida dos *socialites* eram os temas com maior destaque.

Já as seções que abrangiam o dia-a-dia das donas-de-casa tinham menor visibilidade. “O seu mundo” (o espaço doméstico), “Estratégias femininas” (receitas culinárias), “Varinha mágica” (cuidados de beleza) e “Os indispensáveis vestidinhos” referendavam a visão do jornal acerca do papel feminino, sintetizada na propaganda das máquinas de costura Minerva: “Hoje para a Senhora... Amanhã para a sua filha... Depois para a sua netinha...”

Precursora na interação com o público, *A Caixa de O Jornal Feminino* permitia que as leitoras escrevessem fazendo pedidos, tirando dúvidas e dando sugestões. Em abril de 1952, com a criação do *Clube das Leitoras*, esse intercâmbio foi aumentado. Moldes de roupas e bordados, poesias e receitas culinárias, de tricô e crochê eram trocados e a primeira colaboração garantia a quem a enviou o *status* de sócia do clube.

Aos poucos, o espaço do clube foi crescendo e mudando o conteúdo do suplemento, transformando-se em um espaço de ressonância e visibilidade do universo doméstico. As sócias eram as “abelhinhas”, que “zumbiam” naquela grande “colméia”. A organizadora e presidente do clube, a jornalista Elza Marzullo, era carinhosamente chamada de “Nossa abelha mestra”, os maridos de “abelhudos”, os pedidos para a publicação de moldes ou receitas de “ferrões”.

Todo o discurso do suplemento é perpassado pela idealização do papel de dona-de-casa e, por extensão, da própria vivência do papel feminino. Como se fos-

sem várias versões do mesmo mito, fala-se de virtudes “naturais” femininas através de pedidos de receitas, de aproveitamento da sucata doméstica, de riscos de bordado e da decoração da casa. Essas virtudes são principalmente a economia, a parcimônia, a modéstia.⁵⁸

As contribuições aumentaram tanto que, em 1957, foi criado o *Filhote*, um suplemento só para o clube, circulando às quintas-feiras. Foi criado ainda o Clube da Leitora Mirim, para as meninas. Seu suplemento, *O Brotinho*, saía às terças-feiras.

Aos poucos, o clube foi se tornando mais importante que o *Suplemento Feminino*, do qual fazia parte. O jornal chegou a ceder uma sala para o clube, na qual as sócias davam aulas de trabalhos manuais. Nos subúrbios mais distantes e em outras cidades, elas se reuniam em clubes, salas paroquiais ou em suas próprias casas. Foram fundadas sucursais junto a órgãos dos Diários Associados em outros estados – *A Província do Pará*, *O Estado de Minas*, *O Diário de Pernambuco*. Caravanas levavam sócias para conhecer outros núcleos em visitas oficiais.

O Clube atua como um espaço que mediatiza o público e o privado. A própria criação das sedes tinha também esse sentido explícito de ser um local de apoio para as donas-de-casa – um espaço onde elas poderiam parar durante as suas compras no centro da cidade.

As festas de comemoração do aniversário do Clube tomaram tal vulto que uma grande mobilização de sócias, organizadas com grande antecedência em comissões, torna-se necessária. O número de sócias esprezado passa a exigir o espaço do Maracanãzinho para sua realização.⁵⁹

Apesar de haver um grande número de “abelhinhas” moradoras das zonas Sul do Rio (então Distrito Federal), os principais núcleos eram nos bairros de Madureira, Bento Ribeiro e Anchieta, na Zona

Norte, e nas cidades de Mesquita e Nilópolis, na Baixada Fluminense. Havia também sócias em outros estados e até no exterior, como a “Brasileira Saudosa – Chicago”, uma das mais atuantes.

As reuniões aconteciam no Centro, em horários que não conflitassem com as “obrigações do lar”. Os temas tratados nessas reuniões eram prioritariamente a troca de informações domésticas e a manutenção dos laços familiares, com a participação de nascimentos, aniversários, formaturas, casamentos, morte.

A análise do discurso das sócias vai mostrar que ele se articula em torno de dois eixos: o da própria adesão ao Clube – que é o que de fato as torna uma categoria – e a domesticidade. Entretanto, discurso e atuação das sócias falam eloqüentemente, a meu ver, do seu não conformismo a uma situação de “invisibilidade”. Invisibilidade do trabalho doméstico que não aparece, invisibilidade de uma posição social que glorifica o segundo plano, o agir dos bastidores. Ainda que fossem “tortuosos” e pouco diretos os meios de ação; tão “cifrada” a linguagem que só os iniciados – as próprias mulheres – eram capazes de entendê-la, isso não minimiza os seus esforços para evidenciar a sua capacidade de ação e o significado do trabalho doméstico, consensualmente desvalorizado.⁶⁰

O Clube das Leitoras tornava-se então uma forma de visibilidade para a dona-de-casa, numa época em que ainda não era questionada a divisão tradicional dos papéis de cada sexo. As sócias portavam, com orgulho, distintivos em forma de abelha nas reuniões do Clube e em solenidades como aniversários, casamentos, bodas e formaturas de outras participantes. As viagens eram programadas com antecedência para que fossem organizadas aulas e reuniões no local de destino para promover encontros entre as sócias e até mesmo hospedagem para a viajante.

O *Clube* possibilitava às suas sócias a sua individualização a partir de parâmetros outros que os familiares (nome, posição social/econômica). A identidade de sócia era construída a partir da frequência e tipo de participação no *Clube*; de suas habilidades e competências, cristalizada num cognome – um pseudônimo, ou parte de seu nome próprio, mais o local de procedência. (...) A partir de suas habilidades e competências, elas se hierarquizavam e se conferiam notoriedade.⁶¹

Apesar do sucesso, o *Clube das Leitoras* foi extinto inesperadamente em 1963. Retornaria alguns anos depois, sem as reuniões e viagens, permanecendo até o fechamento de *O Jornal*, em 1974.⁶²

57 Este capítulo tem como fonte o artigo “Abelhinhas numa Diligente Colméia”, de Alice Inês de Oliveira e Silva.

58 Id. Ibid.

59 Id. Ibid.

60 Id. Ibid.

61 Id. Ibid.

62 Já na fase de queda, o *Suplemento Feminino* passou a ter como editora Walda Menezes.

Edições especiais

Os números especiais do *O Jornal* ficaram famosos. Homem culto, empresário perspicaz e apaixonado por artes plásticas, Assis Chateaubriand não esqueceu este tipo de publicações, que constavam de cadernos relativos a um tema importante, incorporados à tiragem do dia.⁶³

Em dezembro de 1925 saiu um desses números, comemorativo do centenário de nascimento de dom Pedro II e sobre o desenvolvimento da indústria no Brasil, impresso na poderosa Hoe, recém-importada dos EUA, com a capacidade de imprimir 72 mil exemplares por hora. A edição constava de 45 ensaios e cinco seções, e tinha a colaboração de 50 autores.

O calhamaço quebrava dois recordes da imprensa brasileira: até então nenhum jornal tinha posto na rua uma edição com 68 páginas, assim como nenhum veículo jamais conseguira vender, num só dia, um volume tão grande de publicidade como a estampa-da em *O Jornal* de 2 de dezembro de 1925.⁶⁴

A estréia da rotativa, porém, tinha ocorrido antes, com um caderno sobre o desenvolvimento da indústria brasileira: uma edição com 68 páginas, recheadas de publicidade. Este tipo de edição era, até ali, inédita na história da nossa imprensa.

Seguiram-se as edições especiais sobre bicentenário da introdução do café no Brasil (1927); a história e os valores de Pernambuco; e ainda outra, talvez a mais notável, sobre a história e os valores de Minas Gerais (1920). Esta edição teve a colaboração de Rodrigo Melo Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Lúcio Costa, que viriam a integrar, todos, a cúpula do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Diz Mário Barata:

Rodrigo marcou com viva inteligência e modernidade de cultura essa brilhante edição, composta de quatro cadernos (então chamavam-se “secções”) de formato normal, reunindo 108 páginas, e pequeno suplemento ilustrado em retrogravura.⁶⁵

A edição dedicada a Minas Gerais foi seguida por outra sobre a história e os valores da Bahia, na qual Manuel Bandeira homenageava a pintora Tarsila do Amaral. Houve também uma edição especial sobre o café, com ilustrações de Eliseu Visconti e Henrique Cavalleiro. De todas elas, foram esta, sobre o café, e a dedicada a Minas Gerais, as que obtiveram maior êxito. A relativa ao café foi reproduzida em livro, passados sete anos, pelo Departamento Nacional do Café, e 30 anos mais tarde, inspirou a Napoleão de Carvalho uma nova edição, realizada pelos Diários Associados bandeirantes. Foram ilustradores Di Cavalcanti, Portinari, Ademir Martins, Clóvis Graciano, Mick Carnicelli e Quyrino da Silva. Em vista da edição do café, Chateaubriand foi pessoalmente a Niterói convidar, para que nela colaborasse, o sociólogo Oliveira Vianna, que escreveu sobre a hegemonia do Vale do Paraíba.

Para organizar essas edições especiais, foram designadas duas comissões, constituídas, uma por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia; a outra, também por Capistrano, Sampaio Correia, Pandiá Calógeras, Paulo Prado, Basílio de Magalhães e Leo d’Afonseca. O jornalista Frederico Barata e Eliseu Visconti planejaram e executaram a edição sobre dom Pedro II e a do café.

Para um levantamento local da situação da cultura do café, Assis [Chateaubriand], inclusive, mobilizou dois Ford bigode e alguns cavalos de sela e levou Barata, Ronald de Carvalho, Felipe de Oliveira e Lima Campos para conhecerem os cemitérios em que se haviam transformado as plantações da rubiácea na província fluminense e no Vale do Paraíba.⁶⁶

Estas publicações, para o crítico de artes plásticas, o professor Mário Barata, só têm alguma aproximação nas do centenário do *Jornal do Commercio*, nas do cinquentenário do *Correio da Manhã* e nas do IV Centenário de São Paulo, feitas pelo *O Estado de S. Paulo* e pela *Folha da Manhã*, bem como na do Álbum do Centenário do *Diário de Pernambuco* (1925). Algumas tornaram-se fonte de referência para historiadores e jornalistas.



Abril de 1964: Minas Gerais e Kruel com o movimento militar.

63 Ver: Mário Barata, *Presença de Assis Chateaubriand na vida brasileira*, 1970. 63 seg.; Carneiro, op. cit., p. 99, 105 e 106; Moraes, op. cit., p.155.

64 Barata, id., ibid.

65 Barata, op. cit., p. 64.

66 Id., ibid, p. 104.

Os (vários) endereços

Quando passou para a posse de Assis Chateaubriand, *O Jornal* ocupava o prédio da Rua Rodrigo Silva 12, no Centro. Com a construção do prédio da Rua 13 de Maio 33, ligação pela galeria com a Rua Senador Dantas, *O Jornal* passou a ser impresso ali, com a revista *O Cruzeiro*.

Quando a ditadura de Getúlio Vargas, através do capitão João Alberto, tomou *O Jornal* (e o prédio onde funcionava com o equipamento), a administração e a redação mudaram para a Rua 7 de Setembro 209, e a impressão voltou a ser feita na Rua Rodrigo Silva, onde o jornal tinha começado. Ali também era impresso o *Diário da Noite*.

O Jornal mudou mais uma vez sua redação e sua administração para a Avenida Rio Branco 129-131. Em seguida, para a Rua Venezuela 43, onde também funcionava a Rádio Tupi. No final dos anos 40, na Rua Sacadura Cabral 103, foi construído um prédio para a impressão de *O Jornal* e do *Diário da Noite*.

Por morte de Assis Chateaubriand, em 4 de abril de 1968, o prédio da Sacadura Cabral ficou para seu filho Fernando, o que implicou nova mudança de *O Jornal* para o prédio da revista *O Cruzeiro*, na Rua do Livramento 189, última sede do diário. O prédio foi projetado por Oscar Niemeyer.

s ontem no Galeão (Noticiário) na 6.ª pag.

BONDES: AUMENTO DE 100 %

IA A ULO obtida capital

Na capital os meios
muito. As autorida-
vidências para garan-
tarem com o movimento
empres industriais. Não
trabalhadores, nem chis-
to preventivo, processo
Departamento de Obras
as, entre peritica e de-
nuncio estudando com os
os Arredos sites na capi-
ta caso de fazer grave
evão da ordem. (Noticia-
lizado na 3.ª página de
adidas).

EIJO REVIVE "DIALOGO"

TECIPANDO o seu depo-
nimento à Comissão policial-
ter sua invenção e crime
na T. outubro, o sr. Ven-
ta Vargas reviviu no "Dia-
do Nôis" a tele das con-
tações que sucedem com o
nante" Gregório a respeito
accorda, sem a qual foi
da do interesse por parte
Argumentos Machado, E, no
efe de substituir. Entenda-
à a história da polêmica em,
no entre ele e seu irmão, o
Getúlio Vargas, momentos
de sua grande vida.

ta-nt, sua decisão, de uma
diferença da maior impor-
tância para a reconstrução dos
os que ocorreram nos últi-
o dia, em nome país. "Apes-
er que eu fui deposto" —
a indicado e presidente
que se ter reconhecimento do
a, na reunião dos membros
sua, na madrugada de dia
10, em substituição que a
a honra seria prolongada ao
e de um momento.

"Viva o sr. José e a mãe" —
quando Getúlio Vargas,
o aditório dizer que o pro-



VISITA AO SENADO

O cardeal Piazza visitou ao lado de on-
tem dias o andar do Congresso Nacional,
onde foi alvo de homenagem especial.
No almoço o legado Pontifício ao Brasil e
Senado acompanhado de autoridades e
academias.

Calmon e Balbino dispostos a retirar suas candidaturas

Iminentes modificações no parecer do senador
dos Estados — Brochado diz isto em favor de
Pozzani

HA PERSPECTIVA de iminentes modificações no parecer
suscitado de alguns Estados, a começar pelo Ceará, onde
despacha a governança do sr. Paulo Irmãos (UDS-PTB) e
Aracaju Pedro (PPC-PPB). A informação passou revista que o
PTB defende em apoio ao candidato indicado para indicar um
nome de suas próprias ideias.

Outra situação que merece menção se temo a favor
do sr. Calmon. O sr. Balbino, candidato do
PTB ao governo da Bahia, Odebrecht e L&L, chegou ao Rio a sr.
Raul Pedrosa, a chamado do sr. Calmon.

PROSPECTIVAS BAHIANAS

O sr. Raul Pedrosa tem a sua... para sr. Antonio Balbino, candi-

NENHUM CANDIDATO AINDA INSCRITO

APÓS o encerramento, na
sua sessão pública
de aprovação do TSTB,
na Câmara a lista dos
seus candidatos de
coloca do dia 3 de maio
seu prazo.

Logo não obstante os
sua, no dia 4 do cor-
rente o prazo para re-
gistro de candidatos.
segundo apurou o re-
sultado de 12 julgado,
a DGS apresentará 55
candidatos a serem

Refeição de Café Filho

Visita do Cardeal Piazza, Legado Pontifício, ao Congresso Nacional.

O JOF

O jagunço de muitas personalidades

O empresário e jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nasceu em 1892, em Umbuzeiro, Paraíba. Foi o fundador e diretor da maior cadeia de imprensa no Brasil, e até da América Latina, os Diários e Emissoras Associados (mais de cem empresas de telecomunicações).

Estreou no jornalismo aos 15 anos, dirigiu o *Diário de Pernambuco*. Veio para o Rio de Janeiro em 1919, exerceu a advocacia (como advogado da Light) e o jornalismo (*Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*), até comprar *O Jornal*, considerado o órgão líder dos Diários Associados (1924). Em seguida, fundou e/ou comprou diversos jornais e revistas por todo o país, entre eles, o *Diário da Noite*, o *Diário de São Paulo*, ambos em São Paulo; a revista *O Cruzeiro*; o *Estado de Minas* e *Diário da Tarde* (BH); *Diário de Notícias* (RS), *Diário da Noite* (RJ), *Diário de Pernambuco* (Recife), *Monitor Campista* (Campos), *Diário do Paraná* (Curitiba), *Jornal de Alagoas* (Maceió), *Estado da Bahia* (Salvador), *Correio do Ceará* e *Jornal do Commercio* (RJ). Inaugurou a primeira agência de notícias do país (Meridional).

Agregou as rádios Guarani e Mineira (MG), fundou a rádio

RNAL

Tupi, de São Paulo, a rádio Tamoio, no Rio e, na década de 50, a TV Tupi, de SP, primeira emissora de TV da América Latina, e as TVs Itacolomi e Alterosa.

A Chateaubriand, mecenas das artes, se deve a criação do atual Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (Masp), o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, o Museu de Feira de Santana (BA), o Museu Rubem Berta (SP) e o Museu Pedro Américo (AL). Autor dos livros *Alemanha* (1921) e *Terra desumana* (1926), este contra Artur Bernardes, considerado por Wilson Martins um dos panfletos mais brilhantes de nossa literatura política. Em 1954, foi eleito para a cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras, vaga pela morte de Getúlio Vargas.

Em 1960, foi acometido por dupla trombose cerebral que o deixou quadriplégico. Mesmo assim, continuava a escrever em máquina de escrever especial, com teclas grandes, doada pela IBM. Morreu em 1968.

Embaixador do Brasil em Londres e senador pela Paraíba e pelo Maranhão, Chateaubriand foi um dos homens mais poderosos e influentes do país, nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Deixou os Diários Associados para um grupo de 22 funcionários (o condomínio). Os Associados ainda hoje constituem um grande grupo de telecomunicações no país.

Depoimentos

De noticiarista a secretário de redação

*Américo Cavalheiro **

Comecei a trabalhar em *O Jornal* em princípios de 1963, quando o redator-chefe era Paulo Vial Correia. Mas minha vida nos Diários Associados teve início em 1938, na agência de notícias Meridional, onde fui chefe de expedição, passando depois a noticiarista e redator (ainda na agência), que em 1943 foi ampliada por Carlos Lacerda. Trabalhei nos Associados até 1974, cerca de 36 anos. Com o tempo, cheguei a redator e subsecretário de *O Jornal*, e a secretário de redação do *Jornal do Commercio*.

Conheci nomes importantes que foram secretários ou diretores de redação de *O Jornal*: Átila de Carvalho, Frederico Barata, Abelardo Romero, Ari Carvalho, Nelson Dimas Filho, Luís Amaral, Nei Hamilton, Antonio Pinto de Medeiros, Rubem Cunha, Afrânio de Melo Franco e Alberico de Souza Cruz, o último secretário de redação.

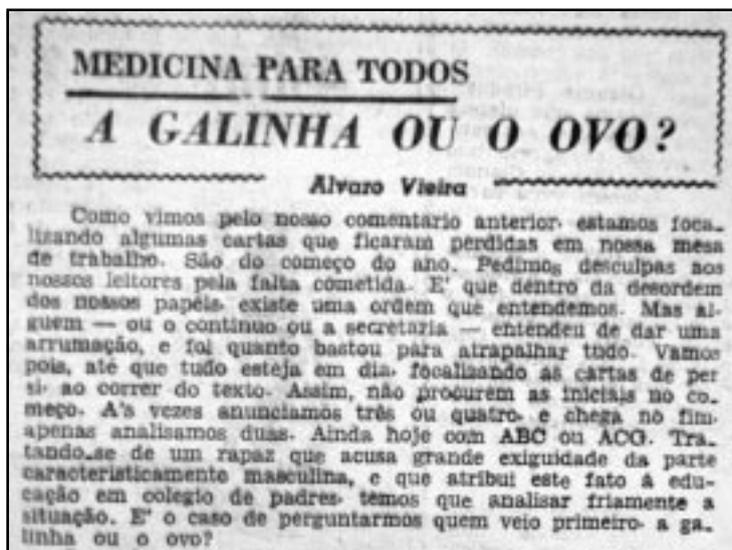
O Jornal tinha grande penetração no interior dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Na gestão de Fernando Chateaubriand como gerente de *O Jornal* (e do *Diário da Noite*), no prédio da Rua Sacadura Cabral, por sua determinação foi concretizada uma velha idéia de Chatô: fornecimento de remédios grátis aos funcionários.

Como incidentes com *O Jornal*, eu me lembro dos ataques dos integralistas ao prédio da Avenida Rio Branco. Um grupo liderado por Vítor do Espírito Santo, Edmar Morel, Oswaldo Medina (fotógrafo) Antônio Pires e Raimundo Attahyde botou os provocadores para correr.

Resta lembrar os jornalistas com quem convivi: secretários ou diretores de redação Átila de Carvalho, Frederico Barata, Carlos Lacerda, Abelardo Romero, Paulo Vial Correia, Gomes Maranhão, Ari Carvalho (cerca de seis meses), Nelson Dimas Filho (com Luís



Américo Cavalheiro,
charge de Adail



27/8/1954: Álvaro Vieira, que se formou em Medicina enquanto trabalhava no O Jornal, assinava a coluna "Medicina para Todos", em que respondia a cartas de leitores sobre problemas específicos.

Amaral e Nei Hamilton), Antônio Pinto de Medeiros, Rubem Cunha, Afrânio de Melo Franco e Alberico de Souza Cruz.

Conheci ainda Milton Sena, secretário de oficina (fechamento de *O Jornal*); Quirino Campofiorito, crítico de Artes Plásticas (foi no tempo dele que começou a fase de diagramação); Renato Vieira de Melo, crítico de teatro; Waldemar Cavancanti, responsável pela coluna de vida literária; Ayres de Andrade, crítico de música (especialista na obra do grande compositor, padre José Maurício); Antônio Carneiro, que hoje trabalha no *Jornal do Commercio*; Álvaro Vieira, que escrevia sobre Medicina; Samuel Wainer, grande repórter de política, escrevia a coluna "Por Trás da Notícia"; Joel Silveira, correspondente na Segunda Guerra Mundial. Eu mesmo assinava uma coluna de generalidades, chamada "Registro".

(*) Jornalista profissional, trabalhou na agência de notícias Meridional, como noticiarista. Foi redator e subsecretário de *O Jornal* e secretário de redação do *Jornal do Commercio*.

A difícil arte de ouvir broncas de Chatô

*Aristóteles Drummond**

Entreí para *O Jornal* aos 19 anos, pela mão de João Calmon, então presidente dos Diários Associados. Fui muito bem acolhido por Paulo Vial Correia (diretor de redação), e fui ajudar na coluna *Panorama Político*, assinada por Antonio Porto Sobrinho. Daí passei a auxiliar Augusto Vilas-Boas, na coluna *A Notícia em Poucas Palavras*, e em seguida fui para a reportagem política.

Lembro Paulo Vial Correia, Porto Sobrinho e Vilas-Boas como meus grandes mestres no jornalismo (carreira em que acabo de completar 42 anos). *O Jornal* tinha colaboradores de grande qualidade, como Quirino Campofiorito, titular da coluna de *Artes Plásticas*, e o cronista social (e não colunista...) Gilberto Trompowsky, que se assinava G. de A., homem de cultura, elegância e sensibilidade, solteirão, que descrevia os eventos sociais, ou do mundo diplomático do Rio, com grande categoria. Não era uma coluna de notas – como a de João Rezende, outro talentoso jornalista –, mas sim crônica mesmo, assim como se o Veríssimo, hoje, fosse contar os jantares que eventualmente sobrevivessem em nossos dias, da melhor aristocracia nacional.

Talvez devido à minha amizade com Teresa Alkmin, filha de Chateaubriand, eu era designado para ir à Vila Normanda (a casa de Chatô na Avenida Atlântica), para rebater os artigos do mestre, quando ele vinha ao Rio. A tarefa era difícil, pois Chateaubriand batia numa IBM feita para ele – e presenteada pela empresa – com dificuldade, pois não tinha movimento nos dedos, batia com a mão inteira em teclas grandes. Certa vez, em artigo a ser publicado em *O Jornal* (e em toda a rede dos Associados), afirmou que o governo estava colocando “fueiro” na economia (um instrumento que se usa no Nordeste nos carros de boi, para segurar o animal). Eu,

criado em Ipanema, achei que se tratava de “cueiro”, usado nos recém-nascidos. Foi o suficiente para uma bronca de Chatô, que a enfermeira Emília traduzia com exatidão. E as palavras eram o mais fortes possível.

O Jornal não era o matutino carioca mais vendido. O *Correio da Manhã* vendia mais, e o *Diário de Notícias* empatava com o órgão líder, que era, entretanto, o mais vendido aos domingos, em função de um fenômeno que era o *Suplemento Feminino*, da sra. Walda Menezes. O *Jornal* vendia, nos anos 60, mais de 200 mil exemplares aos domingos. Um detalhe importante é que, por ser o órgão líder, O *Jornal* tinha imenso prestígio, pois a maioria das matérias ali publicadas eram aproveitadas na rede de jornais, rádios e TVs do grupo Assis Chateaubriand. O que não era pouca coisa.

Na redação, uma seleção de craques, que fizeram nome e fazem até hoje na imprensa nacional, como Walter Fontoura no copidesque – e o mais elegante da redação –, Suely Caldas, que foi diretora de *O Estado de S. Paulo* no Rio, e que veio do *Diário Carioca* quando este fechou, com Pedrosa Júnior – aposentado da Eletrobrás –, Caó (Carlos Alberto de Oliveira), que veio a presidir o Sindicato dos Jornalistas e a se eleger deputado federal.

Na chefia da reportagem estava o Jair Rocha, figura muito estimada. Outra figura era o Gastão Barroso do Amaral, primo do Zózimo e do Fernando Chateaubriand; o Paulo Jerônimo de Sousa, competente e hábil; Luís Amaral, que depois de quase 20 anos em Washington, na *Voice of America*, voltou para o órgão líder. O correspondente em São Paulo era o Alexandre von Baumgarten, que 20 anos depois acabou assassinado em condições misteriosas, depois de assumir a revista *O Cruzeiro*, que tinha sido a mais importante do Brasil e era “Associada”, quando teve seu título leiloado, se não me engano. Outro nome marcante, Luís André Vilarinho, boêmio, que escrevia uma crônica-coluna nos moldes do Stanislaw Ponte Preta, o Sérgio Porto.

O Departamento Fotográfico era de primeira, chefiado pelo velho Mingote, com Sebastião Marinho – hoje no *JB* com Hildegard



Ayres de Andrade assinava a coluna "Música".

Angel –, Severino Cabral Bezerra, outro boêmio e Alibio, ainda atuante no *Jornal do Commercio*.

As matérias de *O Jornal* eram batidas em três vias, com papel carbono; uma ia para a Agência Meridional, no mesmo prédio, outra para a Rádio Tupi. Esta fase dos anos 60 acabou com a entrada de Nelson Dimas Filho, filho de um membro do condomínio, que era homem arrogante, e desta forma destruiu um grupo que trabalhava com amizade, cordialidade e muita alegria. Com Paulo Vial e Antônio Pinto a redação era uma família; na época, as posições políticas eram radicais, mas nunca ao ponto de prejudicar o companheirismo na redação.

O Jornal minguiu e, na fase final, foi entregue a experiências com uma intervenção do *Estado de Minas*, o mais próspero desde então da Rede Associada. Um final triste, de um jornal que foi embrião da grande rede, mas que permaneceu vivo no Rio até hoje, através do *Jornal do Commercio*, que ficava no andar de cima, e no

meu tempo era dirigido pelo talento de Moacir Padilha, depois diretor de *O Globo* e que morreu muito jovem.

O clima em *O Jornal* era de ampla liberdade, desde que não batesse com o “doutor Assis”, como Chateaubriand era tratado por todos nós. Ele não era como os donos de jornais de hoje, que não passam na porta das redações.

Uma das poucas vezes em que ele influiu, irritado até, é que nós éramos todos simpatizantes da candidatura Negrão de Lima ao governo do então Estado da Guanabara. Embora Chateaubriand fosse amigo de Negrão de longos anos, era padrinho de batismo de Rafael de Almeida Magalhães, que era vice-governador de Lacerda e, conseqüentemente, apoiava o candidato Flexa Ribeiro.

Telefonou e exigiu amplo apoio ao Flexa, e assim Paulo Vial Correa, mineiro – veio para *O Jornal* depois de ser secretário de redação do *Estado de Minas* – para poder cumprir a ordem mandou a mim e ao Vilas-Boas – que éramos amigos e depois participamos do governo de Negrão – para casa, de “licença remunerada” até o dia da eleição.

O Jornal garantia uma posição de conservador pela presença diária do dr. Austregésilo de Athayde com seu artigo, com o de Teófilo de Andrade e o Porto Sobrinho na coluna *Panorama*. Mas pouco antes tinha na coluna *Notícia em Poucas Palavras* o simpático comunista Darwin Brandão e o janguista Doutel de Andrade, também na coluna *O Panorama*, até assumir como deputado federal por Santa Catarina, em 1963.

(*) Jornalista e escritor. Trabalhou em *O Jornal*, no *Estado de Minas* e no *Jornal do Commercio*. Comentarista da Rede Brasil de Televisão. Autor entre outros, do livro de ensaios *A revolução conservadora*, 1990.

Relação curta, mas curiosa, com O Jornal

Mário Barata *

Desde cedo, em casa, eu escutava falar muito de *O Jornal*, devido a laços de família, pois meu tio Frederico Barata, que veio a ser um dos principais auxiliares de Chatô, já pertencia aos quadros de *O Jornal* quando o diário ainda era de Toledo Lopes, e continuou ali trabalhando com o novo dono.

Meu contato profissional com o órgão-líder dos Associados não foi longo, mas foi curioso, uma dessas coisas que só se explicam devido ao modo peculiar de funcionamento daquela rede de comunicação... Eu me lembro, por exemplo, de que *O Jornal* teve um excelente suplemento literário, talvez o melhor que tenha existido no Rio de Janeiro antes do suplemento do *Diário de Notícias*. Esse suplemento de *O Jornal* recebia todo o apoio de Rodrigo M. F. de Andrade, que chamou, para ali colaborar, os escritores de Minas seus amigos, entre eles, Carlos Drummond de Andrade. Também escreviam regularmente no suplemento Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, Neto, e Otto Maria Carpeaux, entre muitos outros (refiro-me às colaborações nos anos 30-40).

Na verdade, eu apenas escrevi duas vezes em *O Jornal*, dois trabalhos assinados, enviados da França, em 1948: uma reportagem sobre uma exposição de Portinari, em Paris, e uma entrevista com o pintor pernambucano Cícero Dias, que morava na Europa. Mas o curioso de minha situação é que, em 1969, passei a integrar a folha de funcionários de *O Jornal*, sem trabalhar para o diário: naquele ano, passei a assinar a coluna de crítica de Artes Plásticas do *Jornal do Commercio*, de que era diretor Álvaro Costa, e que também pertencia aos Associados.



27/8/1954: O pintor Quirino Campofiorito assinava a coluna "Artes Plásticas", de crítica e informação.

Meu tio, Frederico Barata, era um grande profissional de jornalismo e terminou ficando muito próximo de Chateaubriand, que o admirava e a quem confiou missões importantes, como a preparação de edições especiais de *O Jornall*.⁶⁸ Frederico Barata se desentendeu com Chateaubriand por discordar dos métodos de captação de dinheiro do proprietário dos Diários Associados. No entanto, ele foi reintegrado aos Associados em 1947, tendo sido destacado para ir implantar no Norte o jornal *A Província do Pará*, em Belém. E depois que ele morreu, em 1962, Chateaubriand escreveu em *O Jornal* dois artigos sobre meu tio, intitulados "Os Dois Barata", nos quais manifestava toda a admiração por ele.

(*) Crítico de Artes Plásticas, foi catedrático de História da Arte da Universidade do Brasil. Era filho do grande jornalista Hamilton Barata, que no seu jornal *O Homem Livre* fez oposição à ditadura Vargas, com ataques violentos a Filinto Müller.

68 Chateaubriand também destacou Frederico Barata para implantar diários em Minas, Porto Alegre e São Paulo. Posteriormente, Frederico Barata passou para a revista carioca *O Cruzeiro*, de que foi diretor-secretário.

No começo, a euforia de aprender

Sueley Caldas *

1965. Um ano depois do golpe militar que fechou o Congresso, cassou partidos políticos, jogou a atividade política na ilegalidade e atçou os estudantes, levando-os à resistência de formas diversas, inclusive à luta armada contra a ditadura. Ferida, a liberdade de imprensa foi desaparecendo até o AI-5 oficializar de vez a censura, três anos depois. Foi nesse clima político que ingressei no *O Jornal*, minha primeira experiência de repórter assalariada. Ainda estudante, dividia meu tempo entre a agitação política na antiga Faculdade Nacional de Filosofia (FNF), depois UFRJ, e a realidade cotidiana no *O Jornal*.

Na velha sede da Rua Sacadura Cabral, próximo à Praça Mauá, um prédio de sete andares, tudo era novidade, emoção, euforia em aprender, apurar e escrever sobre tudo, do esporte à política. Redação quase exclusivamente masculina, éramos apenas duas solitárias mulheres, muito jovens e em início de profissão. Por isso também paparicadas, cortejadas e mimadas. Na época, o poderoso império dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, sobrevivia, erguido, de pé, mas já com prestígio em decadência.

No Rio, a liderança era do *Jornal do Brasil*, que acabara de fazer uma reforma gráfica inovadora e revolucionária. Dentro do império dos Associados, contudo, era *O Jornal* o líder, o que concentrava as atenções do velho proprietário, naquela época já doente, em final de vida. Seus artigos ele ditava para um secretário, porque não tinha mais forças para enfrentar as teclas da máquina de escrever.

Nunca vi Chateaubriand na redação, mas os relatos que ouvia eram de uma figura lendária, gênio do mal, ousado e abusado no estilo de fazer jornalismo. Sem nenhum compromisso com a ética, costumava vender espaços jornalísticos, oferecendo para políticos

entrevistas e matérias em troca de dinheiro. Também na vida pessoal e privada, Chateaubriand fez da transgressão um comportamento rotineiro. Lembro que todos recebíamos salários na boca do caixa, em dinheiro vivo, em vales semanais e todas as sextas-feiras.

Ali, no caixa, formava-se uma fila de gente conhecida, mas também desconhecida. Algumas mulheres – não muitas, é verdade – um tanto esquisitas. Um dia perguntei ao chefe de reportagem quem eram aquelas figuras maquiadas, que destoavam do resto da fila. Eram as mulheres que em algum momento da vida levaram alegria, felicidade e carinho ao velho Chatô e como a gratidão era uma de suas virtudes, lá estavam elas recebendo retribuição.

O ambiente na redação era alegre e a presença feminina uma novidade. Havia o Jair, chefe da reportagem; o Rubens, um negro alto, bonito e elegante, editor de política; o Philot, chefe da fotografia. Um dia fui chamada pelo chefe para reduzir meu texto que não cabia no espaço reservado na página. Tentei recusar argumentando que já havia encolhido tudo o que era possível. “Sintetizar é qualidade obrigatória do jornalista, seu desafio cotidiano é reduzir *A Divina Comédia* em cinco linhas”, ouvi em tom de lição. Pensei, mas não disse: “Dante Alighieri não faria”.

Eu ansiava pelos plantões de sábado, sobretudo quando o dia era morto e não surgisse um novo assunto para apurar fora da redação. Descíamos um grupo para uma birosca nos fundos do prédio do jornal, no pé do Morro da Gamboa, para uma cervejinha e um papo vadio. A alegria aumentava quando via chegar a legendária figura de João da Baiana, o grande compositor popular que ajudou a dar vida ao samba, no início do século 20. Já velhinho, mas empertigado, elegante, terno e sapatos brancos e um lenço colorido na lapela, João da Baiana me fascinava contando histórias de suas músicas. E cantarolava muitas que – pobre e no início da vida de sambista – vendeu para algum aproveitador, trocando por um prato de comida. Foi dele, pessoalmente, que ouvi, pela primeira vez, o relato da história da criação do samba.

Enquanto no *Jornal do Brasil* amigos lidavam com a notícia pessoal e profissionalmente, como recomendavam os tempos modernos, o *O Jornal* conservava um certo conservadorismo provinciano e os fotógrafos me escolhiam para o que os adolescentes chamam hoje de *pagar mico*. Com freqüência era eu flagrada com um *flash* ao lado da fonte de informação, uma autoridade, uma celebridade. E pior: volta e meia a foto era publicada no jornal. Foi assim quando entrevistei o marechal Eurico Gaspar Dutra, que acabara de chegar de Brasília, de uma conversa com o marechal Castelo Branco, o primeiro dos ditadores militares pós-64. O fotógrafo aproveitou um lance da conversa, clicou e no dia seguinte lá estava a foto da repórter com Dutra.

Em outro momento, fui escalada para acompanhar um grupo de crianças de uma escola em visita ao jornal. Desta vez a foto não foi publicada no dia seguinte, mas na edição comemorativa ao Dia da Educação, um mês depois

Lá conheci também um personagem antológico do jornalismo na época. Talentoso, inquieto e alcoólatra, o repórter Sarmento e sua mulher magra e sem trato levavam uma vida desregrada. Não tinham moradia certa, passavam as noites entre prostitutas e marinhos nos bares da Praça Mauá e quando não havia mais nenhum aberto pegavam um ônibus sem rumo, de preferência para um bairro bem distante, e ali dormiam. Na manhã seguinte lá estava o Sarmento na redação, de banho tomado ali mesmo no chuveiro improvisado do jornal. A mulher perambulava pela cidade lendo Rilke até chegar a noite para ir buscá-lo e reiniciarem o périplo pela Praça Mauá. A qualidade e sensibilidade dos textos de Sarmento eram invejáveis, eu lia como uma espécie de modelo a ser seguido.

(*) Jornalista, trabalhou em *O Jornal* e foi diretora de *O Estado de S.Paulo*.

Arquivo morto

*Paulo Fernando de Figueiredo**

– Os mineiros vêm aí!

Dois anos antes de *O Jornal* deixar de circular em 1974, não se ouvia outra coisa na redação e nos corredores da empresa, no imponente prédio projetado por Oscar Niemeyer, o maior da Rua do Livramento, Zona Portuária do Rio. Os mineiros integravam o grupo do jornal *Estado de Minas*, que aportava na Cidade Maravilhosa como uma espécie de tábua de salvação. Vinham de bolsos cheios e idéias novas para realizar uma operação de arrendamento.

Segundo as versões da época, o jornal estava entrando em coma pelos desacertos editoriais, tendo como conseqüência a perda de leitores e a redução do volume das verbas publicitárias. Também contribuía para a crise o caos administrativo, fruto da política empresarial desacertada do então Condomínio dos Diários Associados, o “grande senhor” que tudo podia em suas empresas filiadas, mesmo contrariando a razão nos negócios.

E esse caos era bem visível. Antes dos mineiros, época de pagamento era uma verdadeira tortura. O pessoal da “boca do caixa” tentava explicar os constantes atrasos dos salários, afirmando que os donos do condomínio raspavam o cofre na véspera (o pagamento, naquela época, era feito em dinheiro vivo, colocado dentro de envelope-recibo, o famoso *holerite*). A revolta na redação, nesses dias, era geral. Esse cenário iria mudar nos últimos meses de vida do *O Jornal*, com a chegada do grupo do *Estado de Minas*.

Os salários foram colocados em dia. Mas os mineiros não eram tão bonzinhos assim. Adotaram, também, a nefasta prática das empresas jornalísticas de demitir em massa por ocasião de grandes mudanças editoriais. Dessa forma, 80 por cento dos profissionais da redação foram afastados. De Belo Horizonte, do *Estadão Mineiro*, Estácio Ramos

veio para administrar a empresa. Profissionais de peso (e bem pagos!) foram contratados. Alberico de Souza Cruz, com seu cargo de diretor de redação, era o comandante da empreitada – melhor dizendo, do desafio. Outros nomes vieram a reboque: Nirlando Beirão, como repórter especial e cronista de atualidades, Luiz Carlos Maciel e sua visão *underground* bastante em moda na época e Nilson Lage para fazer o *copy* dos textos mais importantes. Na reportagem, Leda Nagle, importada de Juiz de Fora e ainda pouco conhecida, cobria eventos gerais e segundo caderno. E tinha ainda Terezinha Monte (a do samba mesmo), Arnaldo César, Tim Lopes, Jacyra Sant’Ana, Jésus Rocha, Benito Alemparte, Thais Mendonça, Roberto Moura para escrever sobre MPB, Eid Ribeiro e a então desconhecida Tizuca Yamazaki, excelente repórter de geral. Na editoria de polícia, Otávio Ribeiro, o *Pena Branca*, alegrava a redação com os *causos* que gostava de contar e, na fotografia, Ubirajara Dettmar se gabava por seus trabalhos premiados. O esporte era tocado por Lauro Diniz. O mineiro Nani, em início de carreira, ficou responsável pelas charges. O entusiasmo era geral e isso ficava demonstrado nas intermináveis reuniões para definir o novo projeto.

Da antiga, permaneceram uns poucos repórteres de cidade e de polícia (até porque os mineiros, grande maioria da redação, não conheciam bem a cara do Rio e levariam um bom tempo para se familiarizar). Ficaram também alguns diagramadores e todos os integrantes da editoria de educação. Sobre esse último grupo, chefiado por Oswaldo Barcelos, cria do *Diário de Notícias*, havia uma peculiaridade: do “jornal antigo”, era o único setor que *chamava* dinheiro para a empresa, com seu caderno de concursos e vestibulares recheado de anúncios de cursinhos e faculdades. Os mineiros, obviamente, adotando a velha política de que não se mexe em time que está ganhando, mantiveram esses profissionais.

Apesar de todo clima de mudança, algumas situações permaneceram inalteradas. Os *chefões* do condomínio não abriram mão de continuar publicando os editoriais de Austregésilo de Athayde, encaminhados em originais redigidos à mão. Isso, em plena época da...

máquina de escrever! Eram textos muito bem escritos, em um português impecável, mas geralmente versando sobre variações em torno do óbvio. Também determinaram a continuidade do caderno feminino, com seus moldes para costura (uma tradição de décadas que ainda resistia) e os artigos assinados por Rachel de Queiroz.

Mas aonde ia parar essa nau? Ninguém sabia. A empresa mandou fazer uma campanha publicitária calcada no *slogan* “O *Jornal* – notícias com talento”, veiculada em *out-doors* e na TV Tupi, a emissora “da casa”. O que se pretendia era uma virada de qualidade, com um olho nos novos leitores e o outro nos anunciantes. Matérias investigativas passaram a ser produzidas e ninguém melhor do que Tim Lopes fazia isso. Investiu-se na cobertura de cidade. A editoria de economia foi qualificada com alguns profissionais de renome. Mas não se pode esquecer que o governo militar influenciava fortemente a orientação editorial de grande parte da imprensa e *O Jornal* não se constituía em exceção. Nesse contexto, outro fato significativo era o controle do senador João Calmon – governista de carteirinha – e presidente dos Diários Associados. Naquela época dos milagres econômicos, o grupo se socorria nas tetas do Planalto, produzindo inúmeros cadernos especiais recheados de matérias pagas para divulgar as ações do governo. Era a velha política do “toma lá dá cá”.

Graficamente, o jornal, que já era impresso em *off-set* antes da crise, deixou de lado o visual ultrapassado de colunas desordenadas para dar lugar a um projeto básico de seis colunas de alto a baixo, separadas duas a duas por fio. Permitiam-se algumas ousadias, como títulos de retrancas na vertical. Mas nada além disso. Não se sabe se a nova fórmula deu resultados, atraindo novos leitores. Os números de tiragem ficavam guardados na caixa preta da circulação. Na área publicitária, houve um ligeiro aumento de receita, com a incorporação de alguns grandes anunciantes, especialmente magazines. Mas a realidade no início da década de 70 era cruel para a imprensa escrita. Dois grandes inimigos cresciam assustadoramente: a crise gerada pelo alto preço do papel jornal, causando uma reação em cadeia, e a transferência pro-

gressiva das receitas publicitárias para as emissoras de TV.

O contexto de época não favorável ao revigoramento do jornal. E o pior não demorou para acontecer. Após um ano de incorporação, o pessoal do S.A. *Estado de Minas* começava a dar sinais de impaciência com os baixos resultados empresariais. Era difícil competir com *O Globo*, *JB* e *O Dia* que, juntos, dominavam quase 80 por cento da circulação dos jornais diários. A famosa *rádio corredor* já falava em demissões. A folha de pessoal era astronômica, bem como os custos operacionais para colocar o jornal na rua. O entusiasmo da redação foi baixando aos poucos. Porém, ninguém imaginava o fechamento do “Órgão líder dos Diários Associados”. Mas aconteceu. Outros jornais já tinham vivido a mesma situação e esse enredo sempre tinha final idêntico.

No dia 28 de abril de 1974, um domingo, a edição de número 16.123 foi a última. A manchete *O Povo, nas Ruas, Ataca os seus Velhos Inimigos* se referia aos movimentos de caça às bruxas da Revolução Portuguesa. Uma nota do condomínio, na primeira página, tentava explicar os motivos que levaram ao fechamento do jornal, destacando problemas cambiais ligados aos custos de produção. O texto ressaltava que “Os Diários Associados se mantêm na mesma linha de seu fundador e permanente inspirador, procurando, sempre, consolidar a unidade espiritual do povo brasileiro”.

Hoje, as edições encadernadas de *O Jornal* dividem espaço com as coleções do *Jornal do Comércio*, outro ícone dos Associados cuja redação ainda funciona no prédio da Rua do Livramento. Os exemplares não podem ser manuseados pois estão empoeirados, entulhados e fora de ordem, como disse um funcionário por telefone.

Aos que insistem em realizar alguma pesquisa no local, a despeito das dificuldades, o mesmo funcionário é taxativo ao negar a possibilidade de consulta:

– Não adianta *vim* (sic), isso aqui é arquivo morto.

(*) Repórter do *O Jornal* entre 1971 e 1974.

ABI CENTRO DE PESQUISA E MEMÓRIA DO JORNALISMO

IMPRENSA
Menos um

Após morrer, em 1968, Assis Chateaubriand deixou sob sua herança a um complexo condonômico formado por 23 pessoas o maior império jornalístico da América Latina — 31 jornais diários, três revistas, 23 emissoras de rádio, dezesseis emissoras de televisão e uma agência de notícias. Esta família legada, no entanto, sofreu de dificuldades que, nos últimos anos, se tornaram de



"O Jornal": 55 anos depois, morre o órgão líder

decisão pública ao sabor de histórias onde dificilmente se consegue distinguir a verdade dos boatos, e das transformações sofridas por alguns órgãos da grande cadeia, nem sempre com resultados satisfatórios. Na semana passada, o grande império do Velho Capitão sofreu mais uma baixa: morreu domingo, pela última vez, o "O Jornal", fundado em 1919 por Renato Lopes e comprado em 1924 por Chateaubriand, em cujas páginas colaboraram nomes como Agripino Grieco, Alceu de Azevedo Lima e, até o final, o acadêmico Austregábilo de Athayde. Considerado o "órgão líder dos Diários Associados" mas por sentimentalismo do que por importância (foi o primeiro jornal comprado por Chateaubriand), "O Jornal" passou, em janeiro do ano passado, para o controle da S.A. Estação de Minas, uma das empresas do condonômio. Foi formado um grupo liderado pelo superintendente Estácio Ramos, numa tentativa de reconciliação entre os mais importantes da imprensa carioca.

Sobrevivência do grupo — Segundo Ramos, os objetivos foram alcançados, mas o fechamento foi inevitável, pois tratava-se da "sobrevivência de um grupo, e não da empresa, isoladamente". Em pouco mais de um ano de reforma gráfica e editorial, "O Jornal" passou de 3 000 para 30 000 exemplares de circulação de terça a sábado, chegando a quase 70 000 aos domingos. "Quando assumimos", diz Ramos, "o déficit era de 1 milhão de cruzeiros mensais. Em março passado baixara para apenas 58 000 e estávamos caminhando para o superávit."

Alberico Souza Cruz, secretário de redação e um dos responsáveis pela renovação, não se considera derrotado, pois "foi apenas uma decisão empresarial". Conquistando melhorar o nível salarial dos funcionários e recuperar a imagem do jornal, gastando uma faixa jovem de leitores, principalmente no setor estudantil, Alberico acredita que o trabalho deu certo porque conseguiu inclusive firmar a ideia de que há mercado para um jornal diário de interpretação dos fatos, e não apenas de informação.

Estava em jogo, porém, a salvação do grupo, que, segundo Márcio Lera Alencar, um dos condonômicos, resumiu-se "do envelhecimento dos dirigentes, das despesas e até das máquinas". Impossibilitado de manter dois jornais, a empresa privada preferiu ficar com o "Jornal do Comércio", também do Rio, fundado em 1827 e considerado de maior patrimônio público. Pensari também por uma reformulação, tornando-se um completo jornal de serviço econômico-financeiro, absorvendo boa parte dos sessenta funcionários que restaram em "O Jornal".

No artigo "Menos Um", em órgão de imprensa não identificado, a notícia fria do fim de um importante órgão de imprensa carioca.

Bibliografia

ABI/Finep. *A imprensa na década de 20*. Pesquisa dat., elaborada por Nilson Lemos Laje e Antônio Idaló Neto, coord. de Ivan Alves, orientação de José Nilo Tavares et al. Rio de Janeiro, 1980.

BARATA, Mário. *Presença de Assis Chateaubriand na vida brasileira*. São Paulo: Editora Martins, 1971.

CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro*. História dos Diários Associados. Brasília, DF: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas*. David Nasser e O *Cruzeiro*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

DRUMMOND, Aristoteles. *Minas. Histórias, evocações, cultura, personalidades, economia*. Belo Horizonte: Armazém das Idéias Ltda., 2002.

MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MACHADO, Vera Beatriz Stolte. *A imprensa em crise*. Monografia dat. apresentada à Universidade Vale dos Sinos. São Leopoldo, RS, 1980.

PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro/SECS. **Cadernos da Comunicação** n^{os} 3, 7, 9, 10, 11 e 15

SANDRONI, Cicero & SANDRONI, Laura. *Austregésilo de Athayde. O século de um liberal*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1998.

VASCONCELOS, Adirson. *Memorial Assis Chateaubriand*. Brasília, DF: União Editora Artes Gráficas Ltda., 2000.

WEINER, Samuel. *Minha razão de viver – Memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

Este livro foi composto em Garamond, corpo 12/16, abertura de capítulos em DotMatrix Bold, corpo 28, 20 e 16, legendas e notas em Arial, corpo 8/9. Miolo impresso em papel *offset* 90gr/m² e capa em cartão supremo 250gr/m², na Imprensa da Cidade, em junho de 2007.